

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
LETRAS/ PG LETRAS MESTRADO EM LETRAS

MARIANA MATOS MENEZES

MARCAS LINGUÍSTICAS DA IMIGRAÇÃO NA L1

SÃO LUÍS
2024

MARIANA MATOS MENEZES

MARCAS LINGUÍSTICAS DA IMIGRAÇÃO NA L1

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Correa Pereira Mugschl

SÃO LUÍS
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Menezes, Mariana.

Marcas Linguísticas da Imigração na L1 / Mariana
Menezes. - 2024.

80 f.

Orientador(a): Sonia Maria Correa Pereira Mugschl.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2024.

1. Imigração. 2. Imigrantes. 3. Interlíngua. 4.
Língua de Herança. 5. Sociologia da Linguagem. I. Correa
Pereira Mugschl, Sonia Maria. II. Título.

MARIANA MATOS MENEZES

MARCAS LINGUÍSTICAS DA IMIGRAÇÃO NA L1

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Correa Pereira Mugschl

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Correa Pereira Mugschl
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Orientadora

Prof. Dr. Alex Alves Egido
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Convidado Interno

Prof. Dr.^a Gorete
Universidade Estadual do Maranhão
Convidado Externo

À minha família e amigos queridos que sempre foram e serão o meu tudo. Compartilho com vocês essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre abençoar meus caminhos, mesmo diante das adversidades. Pai, a ti devo tudo que conquisto em minha vida. Tenho fé em tua palavra e através dela busco conforto e esperança para alcançar aquilo que sonho.

Ao meu marido Thiago Phillype por tantas noites que esteve acordando me fazendo companhia enquanto escrevia minha dissertação. Obrigada me acompanhar nessa jornada e sempre acreditar no meu potencial. Você é meu parceiro de vida e aventuras. Amo-te com todo meu coração!

Mãe, obrigada por sempre me incentivar da forma mais doce e serena do mundo a seguir os meus sonhos e ser feliz. Mais uma vez essa conquista é nossa. Obrigada por tanto e por me dar norte nos momentos em que me perco. Se eu cheguei até aqui foi fruto do teu esforço e amor por mim durante uma vida inteira. Agradeço novamente por me tornar um ser humano íntegro que luta pelo que quer. Eu te amo muito!

Aos meus avós que são a minha referência de vida. Dedico esse título a vocês. Obrigada por celebrarem cada pequeno passo meu na escalada para o sucesso. Sem vocês eu não conseguiria chegar até aqui. Amo vocês!

Aos meus padrinhos Priscila e Marcio e tia Maluh por ficarem até mais felizes que eu por cada passo dado, por sempre me incentivarem a continuar e acreditarem que um dia vou realizar todos os meus sonhos.

Agradeço a minha tia Chilis que tanto inspirou a produção desse trabalho por ser imigrante. É uma honra dar voz para todos os brasileiros que carregam o Brasil no coração. Obrigada por contribuir imensamente ao meu desenvolvimento e ser essa pessoa que tanto me motiva a prosseguir.

Agradeço muito aos meus grandes amigos: Gabriel, Ellenzinha, Diêgo, Adrienne, Ana Isabel e Laissa Alhadeff. Meus amigos, meus anjos, meus lindos. Sem vocês eu nada seria, nem formada eu estaria. Sou muito feliz por ter vocês em meu caminho e por poder compartilhar com vocês minhas conquistas. Obrigada pela amizade e companheirismo de vocês.

À minha orientadora Sônia, por acreditar em mim para realizar esta pesquisa. Que desafio e honra quando a orientadora é também o referencial teórico. Obrigada por todo acolhimento, ensinamentos e motivação. A você minha eterna gratidão e admiração.

Por fim, porém não menos importante, aos meus irmãos, Gabriel e Nala, por serem o motivo do meu zelo. Aos meus primos Danilo, Nicolas, Raphael, Samuel e Heitor que me deram a responsabilidade de ser a única mulher da família (risos). À minha tia Livia, que é um exemplo de mulher e profissional. Á minha nova família Adriana, Lucas e Marcos, obrigada por me acolherem tanto e tão bem. À minha filha Florzinha, por ser essa companheirinha de escrita sempre deitada ao meu lado e às minhas anjinhas Meg e Belinha, que nos deixaram tanta saudade. A vocês, todo meu carinho e ternura.

A queda das frutas e das folhas é o que acontece por fora, sinais do que acontece por dentro, na estrutura da árvore, lá onde o tempo vai deixando sua marca.

(A língua e árvore – Sonia Almeida)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a estudar acerca das marcas linguísticas da L2 na L1 (Primeira Língua) no contexto bilíngue da imigração, levando em consideração a importância dos estudos em sociologia da linguagem e interlíngua para a preservação da identidade brasileira por indivíduos vivendo no exterior e catalogação do português brasileiro falado por imigrantes na Bélgica. Para a execução desse estudo, foi feita uma vasta pesquisa bibliográfica em língua de herança, interlíngua, bilinguismo, léxico, memória e sentido. Para a realização dessa pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa por meio de conversas com imigrantes brasileiros vivendo na Bélgica há mais de 10 anos. A análise das informações coletadas foi feita à luz do referencial teórico previamente exposto. Diante dos resultados encontrados, foi possível perceber as influências da L2 na L1 desses falantes. Também foi possível identificar a mudança de sentido que algumas unidades lexicais sofreram. Assim, tais resultados constituem-se em elementos relevantes para estudos futuros, iniciativas e estratégias voltadas à manutenção e utilização da língua de herança no mundo.

Palavras- chave: Imigração. Interlíngua. Língua de herança

ABSTRACT

This paper intends to study the linguistic marks of L2 in L1 (First Language) in the bilingual context of immigration, taking into account the importance of studies in sociology of language and interlanguage for the preservation of Brazilian identity by individuals living abroad and cataloging Brazilian Portuguese spoken by immigrants in Belgium. To carry out this study, vast bibliographical research was developed in heritage language, interlanguage, bilingualism, lexicon, memory and meaning. To execute this research, a qualitative methodology was used through conversations with Brazilian immigrants living in Belgium for more than 10 years. The analysis of the information collected was carried out in light of the previously exposed theoretical framework. Given the results found, it was possible to perceive the influences of the L2 on the L1 of these speakers. It was also possible to identify the change in meaning that some lexical units underwent. Thus, such results constitute relevant elements for future studies, initiatives and strategies aimed at maintaining and using the heritage language in the world.

Keywords: Immigration. Interlanguage. Heritage Language

LISTA DE ABREVIATURAS

L1	Primeira língua
L2	Língua estrangeira
SEPOLH	Simpósio Europeu sobre o Ensino de Português como Língua de Herança

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
PARTE I.....	16
CAPÍTULO 2: IMPLICAÇÕES DA DECISÃO DE SER IMIGRANTE SOBRE A VISÃO DE MUNDO: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA COMO PÁTRIA.....	17
2.1 LÍNGUA COMO PÁTRIA	17
2.2 O CONCEITO DE IMIGRAÇÃO	22
2.3 A LÍNGUA DE HERANÇA.....	24
2.4 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO EM LÍNGUA DE HERANÇA.....	26
2.5 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DAS LÍNGUAS DE HERANÇA.....	28
CAPÍTULO 3: A INTERLÍNGUA NO CONTEXTO DA LÍNGUA DE HERANÇA.....	29
3.1 A INTERLÍNGUA.....	29
3.2 CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS E LEXICAIS DA INTERLÍNGUA NO CONTEXTO BILÍNGUE.....	31
3.3 A INTERLÍNGUA NO CONTEXTO DO BILINGUISMO.....	32
3.4 A RELAÇÃO ENTRE INTERLÍNGUA E COMPETÊNCIA COMUNICATIVA.....	34
3.5 IMPLICAÇÕES DA INTERLÍNGUA PARA A PERDA DA LÍNGUA DE HERANÇA	37
CAPÍTULO 4: O LÉXICO COMO MANIFESTAÇÃO DA INTERLÍNGUA.....	39
4.1 ENTENDENDO O LÉXICO.....	39
4.2 LÉXICO X VOCABULÁRIO	41
4.3 O LÉXICO COMO SINAL DA INTERLÍNGUA.....	42

CAPÍTULO 5: A INTERLÍNGUA COMO EFEITO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO.....	45
5.1 IMIGRAÇÃO E MEMÓRIA.....	45
5.2 MALA DE HERANÇA: A MANUTENÇÃO DA LÍNGUA DE HERANÇA ATRAVÉS DA MEMÓRIA.....	47
5.3 A PERDA DE IDENTIDADE, O SENTIDO E AS RELAÇÕES LEXICAIS.....	48
PARTE II	52
CAPÍTULO 1: IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS DA SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM NA PESQUISA SOBRE INTERLÍNGUA.....	53
1.0 SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM COMO LENTE PARA ESTA PESQUISA.....	53
1.2 SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM OU SOCIOLINGUÍSTICA?.....	55
2.0 EPISÓDIOS LINGUÍSTICOS DA DECISÃO DE SER IMIGRANTE.....	57
2.1 EPISÓDIO 1.....	57
2.2 EPISÓDIO 2.....	57
2.3 EPISÓDIO 3.....	58
3.0 A INTERLÍNGUA COMO OBJETO DE PESQUISA	59
3.1 PARTICULARIDADES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	59
3.2 A PESQUISA QUALITATIVA.....	60
3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	60
3.4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	63
3.4.1 PAPÉIS.....	63
3.4.2 CARTA.....	64
3.4.3 MENAGE.....	64

3.4.4 MADAME.....	65
3.4.5 REMPLACEMENT.....	65
3.4.6 CHARGE.....	66
3.4.7 COMMUNA.....	66
3.4.8 VILLA.....	67
3.4.9 SERVENTE.....	67
3.4.10 ACENTO.....	67
3.4.11 VISA.....	68
3.4.12 RENDEZ- VOUS.....	68
3.4.13 MATERNAL.....	68
3.4.14 CONSAGRAR.....	68
3.4.15 ANCIÃ.....	69
3.5 RESULTADOS.....	69
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta a pesquisa Marcas Linguísticas da L2 na L1: Uma investigação em sociologia da linguagem, no programa de pós graduação em Letras, PG Letras do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, na linha de pesquisa descrição e análise linguística do português brasileiro e de outras línguas naturais. Por meio de uma problemática central se inspira na hipótese de que no processo de imigração a língua 1 sofre interferências da língua 2, a primeira chamada comumente como língua de herança e a segunda comumente interpretada como língua materna, a que constitui o imaginário do imigrante.

Por mais que investiguemos em uma materialidade linguística que intitulamos interlíngua, porque se localiza no trânsito entre dois contextos, o nacional e o internacional para o imigrante, esta é uma pesquisa de caráter qualitativo interpretativo já que não só descreve a fala do imigrante, mas interpreta as trocas que acontecem no impacto da mudança de país. É por esse viés que abrimos uma sessão para produzir os sentidos de uma relação metonímica entre língua e pátria na existência humana. Dentro das comunidades imigrantes, o léxico da L2 é perceptível se manifestando na L1. Assim, temos um fenômeno linguístico que reflete a adaptação desses indivíduos a um novo pai cultural e linguístico. Charles Melman (1992) traz o conceito do novo pai cultural como sendo a cultura de acolhimento a qual o imigrante vai se adaptar de forma a sucumbir a todos os aspectos culturais, sendo o principal deles a linguagem. Esses processos, por mais que pareçam comuns, são bem mais complexos na medida em que perpassam diversas lentes e pesquisadores de diversas áreas como a linguística, sociologia e psicologia. Para além disso, entendemos a fluidez da língua e como esta se mostra adaptável aos mais diversos contextos.

Ao analisar os dados desta pesquisa, não podemos nos ater somente ao que tange a estrutura linguística das línguas, uma vez que esta análise está intimamente ligada a fatores sociológicos da vivência humana. Pensando nisso, traremos o conceito da competência comunicativa em Dell Hymes (1972) em que os fatores sociais desempenham papel de grande relevância ao demonstrar a capacidade dos indivíduos em se adaptar aos mais diferentes contextos aos quais são expostos. A partir daí, podemos analisar os aspectos que possibilitam aos imigrantes manifestar as interferências da L2 na L1 de forma mais robusta.

Em adição a isso, notamos a complexidade de tal temática quando consideramos os papéis da memória e do inconsciente na construção de um fenômeno linguístico. Para esta pesquisa levamos em consideração o conceito de memória que será explorado em Le Goff (1990), que é fundamental para entender as perdas quando do uso da língua de herança, lacunas preenchidas pela língua 2. Esta pesquisa procura interpretar como se dão as relações lexicais entre a língua 1 e língua 2 presente na língua falada pelos imigrantes em contato direto e constante com a língua 2. O processo de adaptação do imigrante vai consolidando os usos de palavras da língua 2 na língua 1 a ponto de fazer com que o imigrante perca a dimensão de que ao empregar determinadas palavras do léxico da língua 2 na língua 1 pense que está falando apenas em língua 1. Isso se dá não só no léxico, mas em estruturas, no uso de morfemas, principalmente os sufixos. Para esta pesquisa importa apenas palavras do léxico, por isso, consideramos que seja de viés lexicográfico. Dentro desta pesquisa, utilizaremos o conceito de interlíngua de Larry Selinker (1972); o de língua de herança de Sylvia Montrul (2016) e Almeida e Heath (2017); de léxico de Villalva e Silvestre (2014), bilinguismo em Grosjean (1994, 2010) e memória de Le Goff (1990). A articulação desses conceitos se dá pelo viés da sociologia da linguagem que observa sob uma perspectiva macro a relação entre língua e sociedade. ou seja, é uma pesquisa situada na dimensão da macrossociolinguística e não da microssociolinguística (Fishman, 1968), esta última está associada a teoria da variação e mudança de Labov que analisa aspectos linguísticos estritos. A macrossociolinguística trata a relação entre língua e sociedade de forma mais ampla. Fishman (1968) produz a crítica de que o sociolinguístico tem sido priorizado em detrimento do sociológico. As questões desta pesquisa estão relacionadas a macrossociolinguística porque levam em consideração o impacto mais geral de uma língua sobre outra em uma experiência de imigração. É o campo de análise mais interpretativo do que propriamente linguístico, apesar de estarmos produzindo conhecimento sobre linguagem.

Para nos nortear na descrição de uma interlíngua falada pelas comunidades imigrantes que vivem na Bélgica, o conceito de interlíngua surge, então, como de grande importância para a compreensão das influências da língua de acolhimento sobre a língua materna. Nesse sentido, temos como objetivo geral investigar no contexto da interlíngua palavras do léxico da língua estrangeira no contexto da imigração em expressões do cotidiano na fala do imigrante.

Além disso, como parte da análise será investigada a influência da memória e do inconsciente no processo de formação dessa interlíngua, destacando como as experiências passadas, tanto no país de origem quanto no novo ambiente, moldam as escolhas linguísticas e

as estruturas cognitivas dos indivíduos. A abordagem utilizada para esta pesquisa consiste na análise de dados coletados a partir de conversas com os imigrantes falantes de língua francesa. Por meio de tais momentos, é possível analisar não apenas o léxico dos participantes como também o contexto social que os permeia.

O objetivo desta dissertação é compreender como os fenômenos da interlíngua, as adaptações lexicais e os sinais da L2 presentes na L1 refletem os processos de adaptação linguística de imigrantes bilíngues, com especial atenção ao papel da competência comunicativa, memória e inconsciente. A partir dessa análise, busca-se entender as interações entre as línguas de herança e a L2, explorando como elas impactam a construção identitária, a comunicação intercultural e o processo de integração social.

O principal objetivo desta pesquisa é descrever e analisar as interferências do léxico da L2 presentes na L1. Entendemos que no que tange a pesquisa em língua de herança temos ainda poucas pesquisas voltadas para a área e principalmente que observem o português que se constrói dentre esta vivência

Esta dissertação se organiza em duas partes principais: na primeira, observamos o referencial teórico e como ele se relaciona entre si. Já na segunda parte mostramos os dados coletados e analisados à luz do referencial teórico. Assim temos na parte um desta pesquisa os capítulos um (Minha pátria é minha língua: implicações da decisão de ser imigrante), dois (A interlíngua no contexto da língua de herança), três (O léxico como manifestação da interlíngua) e quatro (A interlíngua como efeito do processo de imigração).

No primeiro capítulo, buscamos compreender as transformações que ocorrem na visão de mundo do imigrante uma vez que coloca a língua como ponto central em termos de identidade e pertencimento. A língua para o imigrante simboliza sua própria pátria, que neste novo contexto, já não diz respeito somente a um espaço físico. Apesar do deslocamento, através da língua é criado um senso de pertencimento e conexões emocionais com a cultura de origem. Assim, discutiremos a imigração como um fenômeno que permeia as mais diversas áreas como a sociologia, linguística e a psicologia. A língua de herança se mostra nesse contexto como elemento chave para a preservação das tradições culturais e identidade desses indivíduos. Nesse contexto, ressaltamos a importância do estudo das línguas para que haja o fortalecimento das raízes culturais no contexto da imigração. Em suma, este capítulo evidencia que a língua vai

além da pura função de comunicar, sendo palco para fenômenos de ordem cultural, identitária e social.

No segundo capítulo, entendemos que a interlíngua, uma vez no contexto da língua de herança, pode ser compreendida como um reflexo da interação entre a língua 1 e a língua 2 através da exposição a ambas. Dentro dos contextos bilíngues, a interlíngua apresenta características estruturais e lexicais marcadas por interferências. A partir disso, neste capítulo, compreendemos que a interlíngua se relaciona a competência comunicativa na medida em que permite a adaptação às necessidades comunicativas dos falantes, bem como, desempenha um papel de suma importância tanto na manutenção quanto na própria perda. Desse modo, ao compreendermos esse fenômeno, podemos buscar estratégias para a valorização e uso das línguas de herança.

No terceiro capítulo, discutimos sobre a importância do léxico na interlíngua, refletindo sobre a língua 1 e as influências da língua 2 sobre ela. O léxico vai muito além do que um simples conjunto de palavras, abrangendo também a morfologia, sintática e semântica. Apesar de serem tratados como sinônimos, o léxico e o vocabulário se diferem na medida em que o vocabulário trata das palavras conhecidas e o léxico dos usos linguísticos. Através da manifestação da interlíngua no léxico, notamos como os falantes adaptam significados e sentidos para atender a suas demandas e intenções linguísticas.

No quarto capítulo, exploramos o fenômeno da interlíngua como resultado do processo de imigração o que reflete a adaptação dos imigrantes e sua tentativa de equilibrar as duas línguas. A partir dessa ferramenta, entendemos a complexidade desse fenômeno como não apenas um deslocamento físico, mas também social e cultural no qual a memória pode ser pensada como instrumento de manutenção da herança dos imigrantes. Entendemos que o processo de imigração gera perdas ou mesmo o esquecimento cultural e linguístico. Desse modo, o sentido de algumas palavras pode ser esquecido dado os desafios que a vivência imigrante propõe.

Na segunda parte deste trabalho, falaremos sobre a metodologia de pesquisa utilizada para este estudo, além da exposição e análise de dados. Primeiramente, entenderemos o conceito de sociologia da linguagem que norteia a análise dos dados desta pesquisa. Assim, temos as práticas sociais como foco principal do que buscamos entender. O campo linguístico se torna uma consequência daquilo que o social promove aos indivíduos. Para o contexto da

imigração, utilizaremos a pesquisa qualitativa, já que esta abrange de forma satisfatória aquilo que buscamos compreender. Por fim, discutiremos os resultados desta dissertação através do referencial teórico.

Parte I

CAPÍTULO 2: IMPLICAÇÕES DA DECISÃO DE SER IMIGRANTE SOBRE A VISÃO DE MUNDO: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA COMO PÁTRIA

Sabemos que poderíamos usar diversas lentes para pensar sobre como o imigrante em contato permanente com uma língua estrangeira acaba por fazer adaptações lexicais no que estamos chamando de interlíngua: neste caso, a língua portuguesa falada por um brasileiro imigrante em um país estrangeiro, morando a mais de dez anos. Para esta pesquisa, é hora de dizer que se trata de uma observação entre o português brasileiro e o francês falado na Bélgica. Esta foi uma decisão tomada por determinações exteriores às expectativas que normalmente seriam investigar a interlíngua com interferências da língua inglesa na língua portuguesa em um país tal como Inglaterra, Estados Unidos ou Canadá. Estas expectativas ditas como normais seriam em decorrência do fato de esta pesquisadora trabalhar em uma escola bilíngue e ter como língua 2 o inglês para além de ter vivenciado uma experiência de imersão total em língua inglesa na Irlanda. Entretanto, essas próprias experiências foram determinantes para a escolha do francês. A definição foi pelo francês porque, a despeito de outros fatores, o bilinguismo que se está considerando nesta pesquisa não corresponde exatamente ao que se vivencia na escola bilíngue, nem a experiência numa escola desse porte corresponde ao contexto de imigração. A experiência profissional e pessoal talvez comprometesse as reflexões e os resultados desta pesquisa, apesar de ter aumentado as dificuldades a decisão por optar pelo francês falado na Bélgica onde residem pessoas que poderiam ser excelentes protótipos de informantes. Consideramos que imigrar e, óbvio, tornar-se imigrante em um país estrangeiro afeta aspectos profundos da vida. Escolhemos textos literários para, por uma atmosfera poética e memorialista, podermos imprimir um tom da experiência de imigração que a linguagem possa trazer como contribuição para interpretarmos as relações culturais que passam a interferir na história e nas emoções daqueles que ao migrarem muitas vezes não tem a dimensão de que estão trocando de forma de falar e em consequência de forma de viver e de ver o mundo.

2.1 LÍNGUA COMO PÁTRIA

Imigrar vai muito além de um deslocamento físico, sendo também um deslocamento mental. O compositor Caetano Veloso, em sua canção “Língua”, reflete com o trecho “Minha língua é minha pátria” sobre a capacidade de unificação e identificação de um povo através da língua. Para além de um instrumento de comunicação, a língua é um repositório de histórias, crenças, valores, conhecimentos de mundo que irão moldar uma comunidade. Fernando Pessoa reitera essa ideia abordando uma relação intrínseca entre a língua e a cultura, fugindo dos

aspectos meramente estruturais e adentrando a identidade. A língua está para além do simples propósito de comunicar, é através dela que podemos nos identificar.

Além dessa sugestão do fenômeno linguístico relacionado à ação, frequente a obra de Fernando Pessoa uma apropriação da linguagem como forma de ser e estar no mundo - “Minha pátria é a língua portuguesa” (LD,2010, p.258) - em que estabelece uma forte relação entre a língua e a cultura portuguesas. Assim, não é difícil observar a presença de uma compreensão dos fatos linguísticos que foge à sua consideração da língua como mero instrumento de que o poeta faz uso para comunicar sua arte (PESSOA, 2003, p. 326).

Pessoa (2003) quando aborda um fenômeno linguístico relacionado a ação, se refere a uma ideia em que a linguagem deixa de ser apenas um conjunto de palavras ou mesmo regras gramaticais, mas uma forma de conexão com as ações e intenções dos falantes. O poeta não irá utilizar a língua de forma essencialmente funcional, todavia como forma de expressar seu interior e suas experiências.

Pessoa (2003) ao se apropriar da linguagem como forma de ser e estar nos traz a ideia que a língua vai muito além do que o simples propósito de comunicar. É um reflexo da identidade, da cultura e da forma como os indivíduos se veem no mundo. Ao dizer “Minha pátria é minha língua”, o poeta desloca a língua do singelo papel de expressão para o próprio espaço onde a identidade cultural e a existência acontecem. A língua Portuguesa é então uma extensão de quem a fala.

Mia Couto parafraseia Fernando Pessoa e afirma que “a minha língua portuguesa, repito a minha língua portuguesa, é a pátria que estou inventando para mim”. (2009, p. 196) A partir desta colocação, podemos compreender que o autor se apropria da língua para que esta seja um reflexo de sua identidade, onde pode transformá-la. Logo, a língua possibilita que os sujeitos que a utilizam possam sempre se reinventar, sendo posta mais uma vez como uma ferramenta que para além de comunicar, possibilita aos falantes se afirmarem e reinventarem, criando assim, uma pátria sua, que ao mesmo tempo que lhe é tão pessoal, é tão cultural.

A noção de que uma língua é uma pátria contrapõe-se à ideia de que o sentimento de pertencimento está associado apenas a fronteiras geográficas. Muitos são os imigrantes que apesar de anos vivendo fora do Brasil carregam em si um elo com suas raízes através da língua. A língua se torna então um simbolismo da casa onde as tradições e memórias são preservadas independentemente de onde estejam.

Lacan, em sua lição 29 de novembro de 1961, traz à tona a ideia de identificação por meio de uma analogia. Aborda que sua cadela, por mais comum que seja, ao ouvi-lo identifica-o em qualquer lugar. O autor observa que sua cadela o reconhece pela fascinação e adverte que não podemos nos deixar levar por ela. Nós seres humanos, diferentemente dos animais, concebemos a identificação de forma mais complexa. Lacan afirma que percebemos o outro como alguém que assim como nós nasceu com capacidade inerente de se comunicar em sua mesma língua materna (LACÔTE, 2000, p. 83-84).

No ato de imigrar muitas são as renúncias feitas pelos indivíduos imigrantes. Durante esse processo, muitas são as marcas do saudosismo em relação a sua terra natal. A percepção de uma vida diferente em costumes, história e linguagem trazem o sentimento de solidão e afastamento em meio a nova cultura a qual estão inseridos. Muito se fala sobre as motivações para o processo imigratório mas que para além dela temos a criação de um mundo multicultural onde a pátria está dentro da expressão linguística de cada um. Gonçalves Dias em “ Canção do exílio” expressa seu saudosismo em relação à terra natal.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá. (DIAS, 1969, p. 02).

Fazendo um paralelo com a língua, podemos dizer que no trecho “ as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá” pode ser comparada a língua falada neste outro lugar. A forma ou língua falada em um determinado lugar nunca será igual a utilizada no país de origem. Os imigrantes, apesar de carregarem a pátria para onde forem, não deixam de sofrer interditos ou interferências da língua estrangeira dadas suas experiências.

Em seu *Poema Sujo*, Ferreira Gullar (1976) reflete a relação subjetiva que existe entre o homem e a cidade, o que pode ser lido através da lente de como os imigrantes levam a pátria para onde vão. O poema questiona como "uma coisa está em outra", o que pode indicar que o vínculo entre o ser humano e o espaço vai muito além do que se pode conceber como o físico e acaba por se manifestar de maneiras únicas, relacionadas às memórias, experiências e afetos.

O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade

mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na cidade
como uma árvore está

em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas
(mesmo rolando longe dela)
O homem não está na cidade
como uma árvore está num livro
quando um vento ali a flolheia

a cidade está no homem
mas não da mesma maneira
que uma pássaro está numa árvore
não da mesma maneira que uma pássaro
(a imagem dele)
está/va na água
e nem da mesma maneira
que o susto do pássaro
está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa

cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma

a cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas, praças e ruas (GULLAR, 1976, p. 93).

Quando falamos dos imigrantes que levam sua pátria para onde vão, podemos pensar na ideia de que a "cidade" como dita por Ferreira (1976) não se limita às ruas e edifícios e sim, quando levamos para o contexto da imigração, temos a representação das memórias, costumes, que apesar do novo contexto, continuam vivos mesmo que o espaço físico propriamente dito tenha sido deixado para trás. Assim como no poema, a cidade está no homem de um modo que não é concreto, mas simbólico, emocional, identitário e até mesmo existencial.

No poema, Gullar (1976) sugere que a cidade não está no homem da mesma maneira que ela está nas suas "quitandas, praças e ruas", ou seja, a relação do homem com sua pátria é diferente do que pensar nela em um aspecto tão prático, já que o imigrante carrega a pátria consigo através da forma de falar, comer e experienciar o mundo. Nesse sentido, a pátria acaba por não ser simplesmente reproduzida neste lugar outro a qual se deslocam, mas reinventada através da própria experiência de deslocamento. Por fim, ao falar que "*cada coisa está em outra / de sua própria maneira*" Gullar (1976) nos lembra que o vínculo do imigrante com sua pátria é único, marcado por suas experiências pessoais. Cada imigrante carrega em si uma história única e singular que interage com a maneira em que lidam com sua relação com a pátria, o que não pode ser visto de forma estática, já que é muito mais subjetivo

Apesar disso, o fenômeno da imigração acaba por afetar a relação de seus descendentes com a cultura materna. Por mais que o imigrante carregue dentro da língua que fala sua pátria, a mesma se configurará como língua de herança, uma língua diferente da falada usualmente no país de origem. Logo, quando seus descendentes conhecem este lugar, acabam não se reconhecendo como parte dele. No trecho abaixo vemos um exemplo disso oriundo do romance "*O retorno*" de Dulce Maria Cardoso.

O romance *O Retorno de Dulce Maria Cardoso* trata do tema dos retornados depois da descolonização seguida à revolução de 1974. Um mar de retornados, meio milhão, “505.078 retornados das antigas colónias” (GUERRA, 2009, contracapa), retorna para o que era a terra dos seus antepassados mas, que já não é a terra deles. A descolonização, uma promessa de liberdade e de autogestão para a população negra, mas, para os portugueses, perda de tudo e uma migração em massa para Portugal, país materno mas, ao mesmo tempo, estranho, desconhecido (JURŠIČ, 2018, p. 273).

Assim, é através da preservação da língua de herança e por consequência da pátria no seio de cada imigrante que podemos manter viva a cultura brasileira. Dentro desta pesquisa, estudaremos as manifestações da língua estrangeira dentro desta língua portuguesa para que através de sua compreensão possamos aprofundar os estudos em língua de herança e fortalecer as comunidades imigrantes brasileiras.

2.2 O CONCEITO DE IMIGRAÇÃO

A imigração é um fenômeno de ordem social, econômica e política com grande relevância na contemporaneidade que envolve a movimentação de indivíduos entre diferentes países ou regiões, com o objetivo de se estabelecerem de forma temporária ou permanente nessa nova localidade. Tal movimentação pode ser motivada pela mais diversa variedade de fatores, incluindo a busca por melhores condições de vida, fuga de guerras e perseguições, agrupamento familiar ou a busca por melhores oportunidades econômicas. A imigração tem sido uma constante ao longo da história da humanidade, influenciando de forma significativa os contingentes demográficos, a cultura e a economia dos países aos quais temos um grande fluxo imigratório.

A imigração pode ser classificada de diversas maneiras, dependendo das circunstâncias e motivações dos indivíduos envolvidos. A imigração voluntária ocorre quando indivíduos escolhem mudar-se para outro país por motivos econômicos, educacionais ou de ordem familiar. Um exemplo, são as pessoas que buscam melhores oportunidades de emprego ou educação em países com maior índice de desenvolvimento, tais imigrantes são considerados imigrantes voluntários.

Por outro lado, a imigração forçada diz respeito ao deslocamento de pessoas devido a circunstâncias extremas como guerras, perseguições políticas, desastres naturais ou crises econômicas. Os denominados refugiados ou solicitantes de asilo são exemplos de imigrantes forçados que buscam proteção e segurança em nação outra que a sua.

Não existe uma definição universalmente aceita para o termo migrante. No entanto, a OIM adota esta expressão para referir-se a “todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de ‘conveniência pessoal’”, compreendendo a transposição de fronteiras ou não. Portanto, o termo engloba qualquer pessoa que tenha deixado sua casa de forma voluntária ou involuntária, independente do status jurídico, duração da estadia ou causa do deslocamento, a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais, possibilidades e as das suas famílias. (VÁRIOS,2009, p.43)

As motivações para a imigração são diversas e multifacetadas. As motivações de origem econômica são uma das principais forças motivadoras para a imigração, com muitos indivíduos migrando em busca de melhores oportunidades de emprego, salários mais altos e condições de vida mais favoráveis. Em boa parte dos casos, os imigrantes ajudam suas famílias financeiramente em seus países de origem, contribuindo significativamente para as economias locais. Haas, Castles e Miller (2013, p. 04) definem bem tal perspectiva.

Migração não é apenas- ou principalmente - uma reação a condições difíceis em casa: é primariamente conduzida pela busca por melhores oportunidades e estilo de vida preferível em outro lugar. Alguns migrantes experienciam abuso ou exploração, mas a maioria se beneficia e é capaz de melhorar a sua qualidade de vida a longo prazo por meio da migração.

As motivações políticas também desempenham um papel crucial na imigração. Conflitos armados, perseguições políticas, violações de direitos humanos e regimes autoritários forçam indivíduos a buscar refúgio em outros países. A busca por segurança e liberdade é uma motivação poderosa para aqueles que fogem de situações de perigo constante ou perseguição.

Para além disso, as motivações sociais, como a reunião com membros da família que habitam em outra localidade, são uma razão bastante comum para a imigração. Muitas vezes, membros da família que já migraram buscam trazer seus parentes para morar junto a eles, promovendo maior proximidade familiar e apoio emocional. A busca por uma educação de qualidade e melhores serviços de saúde também impulsionam muitas famílias a migrar, visto que, em países em desenvolvimento tais serviços ainda não são oferecidos de forma a suprir as necessidades de seus cidadãos.

As mudanças climáticas e os desastres naturais representam motivações ambientais para a imigração. Desastres como terremotos, inundações e secas podem destruir meios de subsistência e habitações, forçando populações inteiras a se deslocarem. A degradação ambiental e a escassez de recursos essenciais, como água e alimentos, também desempenham um papel significativo na migração forçada.

A imigração gera impactos profundos tanto nos países de origem quanto nos de destino. Nos países de destino, os imigrantes com frequência preenchem lacunas no mercado de trabalho, especialmente em setores que enfrentam escassez de mão de obra, sobretudo a um valor mais baixo. Eles contribuem para o crescimento econômico, a inovação e a diversidade cultural. No entanto, a chegada de imigrantes pode também gerar desafios, como a necessidade de políticas eficazes de integração e manejo social.

Já nos países de origem, a imigração pode resultar na perda de grandes talentos e mão de obra qualificada, mas a ajuda financeira enviada pelos imigrantes pode representar uma fonte crucial de renda, apoiando famílias e comunidades inteiras. Essa ajuda pode impulsionar o desenvolvimento econômico local e reduzir a pobreza.

Os imigrantes frequentemente enfrentam uma série de desafios em seus novos países, incluindo barreiras linguísticas, discriminação, dificuldades no acesso a serviços essenciais como saúde e educação, e o processo de regularização de seu status legal. Para sanar tais desafios, os países adotam políticas de imigração que podem variar de maneira significativa, o que influencia de forma ativa a capacidade dos imigrantes de se estabelecerem e prosperarem.

Políticas eficazes de imigração devem equilibrar as necessidades do país de acolhimento com a promoção de direitos humanos e integração social dos imigrantes. Segundo Haas, Castles e Miller (2013, p. 2), “A crescente diversidade étnica e cultural das sociedades receptoras de imigrantes cria dilemas para a sociedade e governantes em encontrar formas de responder a essas mudanças”. Programas de apoio linguístico e cultural, acesso a serviços de saúde, educação e a proteção dos direitos dos imigrantes são essenciais para facilitar sua integração e contribuir de forma positiva para a sociedade.

2.3 A LÍNGUA DE HERANÇA

Quando falamos sobre língua de herança, nos referimos ao idioma falado por indivíduos que vivem em um país cuja língua seja diferente daquela falada por seus antepassados. No caso dos imigrantes brasileiros, a língua de herança é o português, que é transmitido de geração em geração mesmo em contextos fora do Brasil. Tal fenômeno é essencialmente relevante para entender como a identidade cultural e linguística é preservada dentre as comunidades de imigrantes. Silvina Montrul (2016) aborda, em seu livro *The acquisition of heritage languages*, a seguinte definição de línguas de herança:

O *American Heritage College Dictionary* define a palavra herança como algo adquirido no nascimento, uma propriedade que pode ser herdada, por algo passado de uma geração para outra. Se a propriedade adquirida é uma língua, então todas as línguas humanas são línguas de herança, uma vez que, são adquiridas no nascimento e transmitidas para a próxima geração. Mas o termo herança quando aplicado a línguas e falantes é muito mais uma caracterização relativa que absoluta porque o que torna uma determinada língua uma língua de herança é o seu contexto social local. (MONTRUL, 2016, p. 13).

Dentro das vivências de imigrantes brasileiros, a preservação da língua portuguesa é um elemento de extrema importância para manter um elo com suas raízes culturais. A transmissão intergeracional ocorre quando os pais ensinam seus filhos a falar português em casa, apesar de viverem em um país com uma língua diferente. Esse processo pode ser desafiador, especialmente quando os imigrantes realizam boa parte de suas vivências em ambientes sociais, os quais predominam o idioma do país de acolhimento.

A manutenção da língua de herança é fundamental para a identidade cultural dos indivíduos. Falar português permite que os imigrantes brasileiros mantenham uma ligação mais estreita com sua cultura, tradições e familiares no Brasil. Além disso, a capacidade de falar português pode facilitar a comunicação com outros membros da comunidade brasileira no exterior, reforçando laços entre a comunidade e proporcionando senso de pertencimento.

Ao falar sobre os desafios enfrentados na preservação da língua de herança, a pressão para se integrar linguística e culturalmente ao país de acolhimento vem logo à nossa mente. Contudo, os benefícios de ser bilíngue são amplamente reconhecidos, incluindo vantagens cognitivas, acadêmicas e profissionais. O bilinguismo pode melhorar habilidades de resolução de problemas, aumentando a capacidade de desempenhar diferentes tarefas, bem como abre oportunidades de carreira em um mercado de trabalho globalizado.

A comunidade brasileira no exterior desempenha um papel primordial na preservação da língua de herança. Eventos, celebrações culturais, simpósios e grupos de apoio podem reforçar a importância da manutenção do português entre as novas gerações. A solidariedade dentro da comunidade proporciona um espaço seguro para praticar a língua e celebrar a cultura brasileira, fortalecendo a identidade do grupo.

A língua de herança falada por imigrantes brasileiros é um testemunho da resiliência cultural. Preservar o português no exterior é um ato de afirmação identitária e amor à língua materna, que enriquece tanto os indivíduos quanto as comunidades. Através de esforços

coletivos e boas, é possível assegurar que a língua portuguesa continue a ser uma parte essencial da vida dos imigrantes brasileiros e de suas futuras gerações.

2.4 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO EM LÍNGUA DE HERANÇA

O estudo das línguas de herança possui grande importância na medida em que abrange diferentes aspectos, perpassando o cultural, cognitivo, social e educacional. As línguas de herança são aquelas faladas por indivíduos que foram colocados diante delas no ambiente familiar, geralmente desde a infância, mas que convivem em uma comunidade cuja língua dominante é outra. Ao abordar este campo de estudo, percebemos que o mesmo ganha cada vez mais relevância em um mundo que a cada dia se torna mais globalizado, já que as imigrações e os movimentos populacionais são constantes, levando ao encontro e ao choque de diversas culturas e línguas.

Línguas de herança são as línguas que, em um contexto sociocultural, são dominantes diferentes da usada na comunidade em geral. A palavra “herança” remete à ideia de tradição herdada, assim como a ideia de patrimônio, que remete à relação familiar. As línguas que a pessoa adquire em casa com seus pais, diferentes da língua usada de forma massiva no país, configuram línguas de herança (QUADROS, 2017, p. 07).

Primeiramente, as línguas de herança são cruciais para a preservação cultural e identitária dos falantes. Elas representam um elo inquebrável com a história, as tradições e os valores de uma comunidade. Manter a língua de herança viva permite que os imigrantes mantenham uma conexão profunda com suas raízes culturais, compreendendo e valorizando suas origens. Apesar das interferências quanto à realidade vivida no contexto de outro país, com outro idioma nacional, a língua de herança sobrevive pelo simples fato da herança não se concentrar toda e completamente na língua, mas principalmente no brasileiro que a fala. (ALMEIDA, 2017). Essa consciência cultural não só enriquece a identidade individual, mas também fortalece os vínculos e a solidariedade dentro de comunidades étnicas e linguísticas, transformando-as em um lugar seguro a seus membros.

No contexto social, a valorização das línguas de herança consegue promover maior inclusão e diversidade. Uma vez que as línguas de herança são reconhecidas e apoiadas, seus falantes sentem-se valorizados e respeitados em suas identidades linguísticas e culturais. Este reconhecimento é capaz de combater a marginalização linguística e contribuir para uma sociedade mais inclusiva para com os imigrantes. Além disso, a manutenção de múltiplas

línguas dentro de uma comunidade pode enriquecer a sociedade como um todo, promovendo o multiculturalismo e a compreensão intercultural. Assim, no documento de políticas linguísticas estabelecido em março de 2024 pelo parlamento Europeu, observamos o seguinte objetivo:

A política linguística da UE baseia-se no respeito pela diversidade linguística em todos os Estados-Membros e na criação de um diálogo intercultural em toda a UE. Para pôr em prática o respeito mútuo, a UE promove o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras e a mobilidade dos cidadãos através de programas consagrados à educação e à formação profissional. O conhecimento de línguas estrangeiras é considerado uma das competências fundamentais que todos os cidadãos da UE devem adquirir para melhorar as suas oportunidades de ensino e emprego. No seu contributo para a Cimeira Social para o Emprego Justo e o Crescimento, realizada em 17 de novembro de 2017, em Gotemburgo, Suécia, a Comissão apresentou a ideia da [1] As 24 línguas oficiais da UE são as seguintes: alemão, búlgaro, checo, croata, dinamarquês, eslovaco, esloveno, espanhol, estónio, finlandês, francês, grego, húngaro, inglês, irlandês, italiano, letão, lituano, maltês, neerlandês, polaco, português, romeno e sueco.

No contexto educacional, o estudo das línguas de herança é essencial para desenvolver políticas e práticas pedagógicas que atendam às necessidades específicas dos falantes de línguas de herança. Programas de educação bilíngue e iniciativas de manutenção de línguas de herança como o *Elo Europeu* encabeçado por educadores de português como língua herança desempenham um papel crucial na promoção da competência linguística e na valorização da diversidade linguística. As políticas educacionais que apoiam as línguas de herança não apenas beneficiam os falantes dessas línguas, mas também enriquecem o ambiente educacional como um todo, promovendo uma abordagem mais inclusiva e diversa ao ensino e aprendizagem.

A iniciativa Elo Europeu de Educadores de Português como língua de Herança (ELO EUROPEU) foi criada, em 24 de outubro de 2013, pelos educadores Adenilson J. J. Pereira, Bélgica, Raiz Mirim- Associação sociocultural e Educativa; Andréa Meneschal Heath - Alemanha, Mala de Herança; Juliana Azevedo Gomes, Espanha, Associação de pais de Brasileirinhos na Catalunha; e Maria José Maciel, Noruega, Português sem fronteiras. Inspirados pelo I Simpósio Europeu de Ensino do Português como língua de Herança (SEPOLH), realizado em Londres, os quatro decidiram, naquele momento, unir forças para mobilizar outros educadores, professores e atuantes no ensino, expansão e fortalecimento de Português como Língua de Herança (POLH) em toda a Europa (HEATH, 2017, p. 26-27).

Através de tais medidas conseguimos observar novos horizontes, os quais podemos abordar a língua de herança e nortear as comunidades imigrantes através da preservação da língua e cultura brasileira dentre estas comunidades. Iniciativas como os eventos, tais quais o SEPOLH, abrem um leque para novas pesquisas que muito auxiliam nas questões linguísticas e atenuam os percalços vivenciados por esses indivíduos que muito já experienciam perdas em relação a sua identidade e de seus descendentes.

2.5 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DAS LÍNGUAS DE HERANÇA

Historicamente, os fluxos migratórios são o principal fator para o surgimento de comunidades de falantes de línguas de herança. Desde as grandes navegações, onde tivemos um grande contingente de imigrações europeias para as Américas nos séculos XIX até os movimentos contemporâneos de pessoas em busca de melhores condições econômicas, segurança ou refúgio, as línguas de herança surgem quando grupos de falantes de uma língua se estabelecem em um ambiente onde a língua dominante é diferente. Esses movimentos não apenas locomovem pessoas, mas também suas línguas, culturas e tradições, criando mosaicos linguísticos nas regiões de destino.

As políticas governamentais têm desempenhado um papel significativo na manutenção ou na extinção das línguas de herança. Em muitos países como o Reino Unido e Estados Unidos, políticas de assimilação linguística foram implementadas para promover a língua de domínio e integrar os imigrantes na sociedade majoritária em detrimento das pequenas comunidades imigrantes onde as línguas de herança são faladas. Exemplos históricos incluem as políticas de anglicização nos Estados Unidos e as políticas de "uma língua, uma nação" na União Europeia. Em boa parte desses casos, políticas como essas resultaram na marginalização e na diminuição do uso de línguas de herança, pressionando as famílias a adotar a língua dominante.

Dentro do contexto atual, nas últimas décadas, houve uma crescente valorização da diversidade linguística e cultural. Políticas de educação bilíngue e iniciativas de preservação de línguas minoritárias foram implementadas em diversos países, reconhecendo a importância das línguas de herança como parte do patrimônio cultural. Programas como as malas de herança para preservação de línguas de herança e iniciativas comunitárias para promoção do bilinguismo destacam um reconhecimento crescente dos benefícios cognitivos, culturais e sociais do bilinguismo.

O contexto histórico e social das línguas de herança é complexo e diversificado, refletindo a interação entre migração, políticas linguísticas e mudanças nas atitudes sociais. Compreender esse contexto é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de preservação e promoção das línguas de herança, garantindo que essas línguas continuem a ser uma parte vital do nosso patrimônio cultural global.

CAPÍTULO 3: A INTERLÍNGUA NO CONTEXTO DA LÍNGUA DE HERANÇA

O conceito de interlíngua, introduzido por Larry Selinker (1972), se mostra como referencial teórico principal para esta pesquisa. Esse conceito nos faz compreender a transitoriedade do sistema linguístico que aparece através da tentativa de um falante da língua um em adequar-se à língua dois. No que tange às comunidades imigrantes, o fenômeno da interlíngua surge como conceito essencial para explicar as estratégias de integração à nova cultura por meio dos imigrantes e como os mesmos acabam por atribuí-la mesmo aos contextos que envolvem a língua materna. Para isso, entendemos que os conceitos de Larry Selinker (1972) muito se fazem presentes para analisar como se dão essas interferências da língua dois na língua 1 através da interlíngua.

A interlíngua pode facilitar para os imigrantes sua adaptação e identificação a uma nova realidade social. Quando entendemos a interlíngua através da sociologia da linguagem, percebemos que tal fenômeno reflete os desejos dos falantes em finalmente se integrar por completo à cultura estrangeira, mesmo que isso não seja possível, uma vez que sempre serão vistos como estrangeiros. Para a língua de herança, o surgimento de uma interlíngua pode impactar na preservação do português brasileiro dentro das comunidades imigrantes e refletir uma dita dominação da nova cultura sobre a cultura de origem.

É nesse sentido que esta pesquisa se prontifica a compreender a interlíngua dentro do âmbito do bilinguismo. Sendo este, diferente da ideia que comumente temos em que concebemos o bilinguismo como o simples ato de falar duas línguas. Neste contexto, compreendemos que a imersão em uma nova cultura gera marcas dentro do bilinguismo dos imigrantes. Assim, entendemos a interlíngua e o bilinguismo como parte natural e inevitável de um fenômeno de ordem social. Este capítulo busca explorar as características estruturais e lexicais da interlíngua no contexto bilíngue, destacando sua importância para a competência comunicativa, e as implicações que ela tem para a manutenção e a eventual perda da língua de herança em contextos imigratórios.

3.1 A INTERLÍNGUA

Quando falamos acerca do conceito de interlíngua desenvolvido por Larry Selinker na década de 1970, percebemos o quanto este se faz fundamental para a compreensão dos estudos

realizados nesta pesquisa. A interlíngua foi desenvolvida por Selinker (1972) para explicar o processo de tentativa de um falante de língua estrangeira a obter a competência de um nativo. Para isso, perpassa pelos mais diversos níveis, dentre eles a interlíngua onde mescla elementos da língua materna e da língua de acolhimento.

Esse conjunto de enunciados, para a maioria dos aprendizes de uma segunda língua, não é idêntico ao hipotético conjunto correspondente de enunciados que teriam sido produzidos por um falante nativo da língua alvo, caso ele tivesse tentado exprimir o mesmo significado do aprendiz. Como é possível observar que os enunciados produzidos por um aprendiz na língua-alvo não são idênticos aos produzidos pelo falante nativo para expressar o mesmo significado, então somos praticamente obrigados a estabelecer como hipótese a existência de um sistema linguístico em separado, o qual se apreende quando o aprendiz tenta, em seu output, produzir uma norma na língua-alvo. A esse sistema linguístico chamaremos “interlíngua” (IL) (SELINKER, 1972, 280).

Selinker (1972) comenta o trabalho de Weinreich em seu livro *Languages in Contact* (1953) que nos propõe a compreensão do contato linguístico entre duas culturas, que se dá de forma muito frequente, quando pensamos na realidade da imigração a qual os indivíduos alternam entre duas línguas, materna e de acolhimento. Weinreich (1953 apud SELINKER, 1972) observa o que chama de identificações interlinguais que podem ser definidas como as conexões que os indivíduos fazem entre elementos das duas línguas.

Em seu livro de 1953, *Languages in Contact*, o autor discute — ainda que brevemente — a necessidade prática de considerar, nos estudos do bilinguismo, que tais identificações (como as de um fonema em duas línguas, uma relação gramatical em duas línguas, uma característica semântica em duas línguas) foram feitas pelo indivíduo em questão numa situação de contato linguístico. Embora Weinreich conduza muitas questões linguísticas e psicológicas, ele deixa completamente em aberto questões relativas à estrutura psicológica na qual acreditamos existirem essas “identificações interlinguais”; presumimos que essa estrutura psicológica exista e que ela está latente no cérebro, ativada quando alguém tenta aprender uma segunda língua (SELINKER, 1972, P. 278).

Podemos conceber a interlíngua como uma consequência da alternância entre a língua materna e a língua de acolhimento. Bem como menciona Selinker (1972), tais identificações ocorrem pois existe uma estrutura psicológica latente que permite aos indivíduos integrar ambas as línguas. Em seu artigo, o autor reitera, no entanto, que na área de investigação linguística o conceito que mais se aproxima de estrutura psicológica latente é o de estrutura linguística latente proposto por Lenneberg (1967, p.374-379) que é definida como “(a) é uma disposição pré-formulada no cérebro; (b) é a contrapartida psicológica do conceito de gramática universal; (c) é transformado pela criança em estrutura atualizada de uma gramática particular, em função de determinados estágios maturacionais”

Eventos comportamentais relevantes numa psicologia do aprendizado de segunda língua deveriam ser identificáveis com a ajuda de construtos teóricos que presumam os principais aspectos da estrutura psicológica de um adulto sempre que ele tenta entender ou produzir frases numa segunda língua. Se, em uma psicologia do aprendizado de segunda língua, nosso objetivo é explicar alguns aspectos importantes da estrutura psicológica do adulto, então me parece que lidamos basicamente com o modo como sujeitos bilíngues fazem o que Weinreich (1953, p. 7) denominou “identificações interlinguais” (SELINKER, 1972, p 277).

No contexto da imigração entendemos que a utilização da interlíngua está presente no cotidiano destas comunidades, uma vez que temos a mescla da L2 e L1. Percebemos que uma vez envolto nesse processo, que é definido por Selinker como psicolinguístico, os imigrantes tendem a criar novas estruturas para se comunicar em sua própria língua materna. A apropriação da nova realidade linguística torna-se desafiadora na medida em que passa a dificultar sua comunicação na língua que um dia foi objeto de seu afeto.

3.2 CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS E LEXICAIS DA INTERLÍNGUA NO CONTEXTO BILÍNGUE

Uma vez que conceituamos a interlíngua, temos que falar dos aspectos estruturais e lexicais que a permeiam. Primeiramente devemos conceber a interlíngua como variável. Em seguida, para o contexto de imigração, podemos nos utilizar do que Selinker (1972) denomina de transferência linguística, que se refere a quando o falante se utiliza de palavras, significados ou estruturas de uma das línguas na outra, causando assim, uma interferência. No que diz respeito a esta pesquisa, trabalharemos as transferências lexicais. Um exemplo é quando um imigrante brasileiro que vivencia a realidade da língua francesa diz que tem algo que é muito “*ancien*” referindo-se ao termo “*antigo*”. Expressão esta, que quando utilizada dentro do português brasileiro é incomum ou não utilizada.

Esse processo de transferência pode levar à fossilização, quando o aprendiz atinge um nível de proficiência onde tais fenômenos se tornam estáveis, afetando a forma como ele usa a L1. No contexto de línguas de herança, essa fossilização pode resultar na manutenção de uma versão "simplificada" ou "incompleta" da língua de herança.

Além disso, a interlíngua pode gerar calques, também conhecidos como as traduções literais que não se ajustam ao uso padrão da L1, mas são comuns em falantes que transitam entre as duas línguas. Por exemplo, um falante bilíngue de português e francês pode usar

expressões como “ Eu sou na charge” (calque de "Je suis en la charge") em vez de "eu estou na responsabilidade", que são expressões mais naturais.

3.3 A INTERLÍNGUA NO CONTEXTO DO BILINGUISMO

Para falar em interlíngua, precisamos entender dentro desta pesquisa, o conceito de Bilinguismo uma vez que se fazem atrelados quando pensamos no cenário ao qual este trabalho se propõe a analisar. Em princípio, devemos esclarecer que dentro dessas comunidades imigrantes a interlíngua não pode ser vista como erro ou mesmo uma falta de precisão linguística e sim como uma estratégia de adaptação e integração a língua nova a qual o indivíduo é exposto. Por conseguinte, devemos abordar o próprio significado de bilinguismo ao qual utilizaremos as ideias de Grosjean (1994, 2010) como norte.

Grosjean em seu livro “*Bilingual life and reality*” (2010), observa que ao fazer uma simples pesquisa pela palavra bilinguismo nos deparamos com os mais diversos significados, evidenciando a pluralidade de tal conceito. O autor prossegue enfatizando o conceito “Bilíngues são aqueles que usam duas ou mais línguas (ou dialetos) em sua vida cotidiana” (GROSJEAN, 2010, p.04), assim, o autor analisa que no mundo nem todas as pessoas se atém a apenas duas línguas, logo, o termo bilinguismo não é abrangente o suficiente para descrever populações onde se fala mais de uma língua. Todavia, ao trazer o termo *Multilingue*, destaca que o mesmo torna-se inusitado ao descrever falantes de apenas duas línguas, pelo não costume de nossa sociedade em utilizar tal terminologia.

Eu tenho sempre me perguntando porque eu não utilizo a palavra “Multilingue”. Duas razões vem à mente. A primeira é que algumas pessoas são “apenas” bilíngues (eles sabem e usam duas línguas)e parece inusitado utilizar o termo “multilíngue” ao descrevê-los. A segunda é que a palavra “multilíngue” é utilizada menos que “bilíngue” quando se refere aos indivíduos. Existe uma longa tradição na área que expande a noção de bilinguismo a aqueles que utilizam duas ou mais línguas no cotidiano (GROSJEAN, 2010, p. 04).

Para compreender a interlíngua no bilinguismo, precisamos notar que a mesma pode se manifestar de várias maneiras. No nível lexical, o bilíngue pode usar palavras emprestadas de uma língua e aplicá-las de maneira imprecisa ou adaptada à outra. Um exemplo disso seria um falante de português que diz "fazer uma corrida" ao invés de "correr", utilizando uma estrutura oriunda de sua vivência com língua de acolhimento. No nível gramatical, podem ocorrer erros de concordância ou de ordem de palavras, reflexos de influências das regras sintáticas da L2.

No nível fonológico, a pronúncia de sons específicos pode ser alterada devido à interferência de características da L2, resultando em um sotaque que mistura elementos das duas línguas.

Partindo de tal pressuposto vemos então que o indivíduo bilíngue não consegue silenciar por completo qualquer uma das línguas a qual é exposto. Uma vez vivenciando a realidade de uma nova língua, a mesma irá gerar interferências na língua materna. Grosjean explica que por raras vezes existe a completa desativação de uma das línguas. Logo, conseguimos a partir disso, determinar que a movimentação de interferência entre línguas é um processo comum entre elas e que pode ser vivenciado, principalmente, em situações de imersão.

Na verdade, a desativação de outra língua raramente é total como podemos perceber nos exemplos de interferências que os bilíngues produzem (também conhecidas como desvios entre línguas). Uma interferência é um desvio próprio do falante da língua que está sendo usada no momento da conversa, devido à influência da outra língua “desativada” (GROSJEAN, 1994, p.166).

Grosjean, percebe as escolhas linguísticas como algo natural e que perpassa os fatores psicológicos e sociológicos da mente imigrante. Tais indivíduos, não farão questionamentos acerca de quais expressões utilizar ou qual língua deve usar para se comunicar com um determinado interlocutor. Nestes momentos, por vezes, somente a quem se dirige percebe a presença das interferências. Por estar tão envolto no contexto ao qual é natural falar dita expressão, ou mesmo no qual o imigrante teve contato direto com o que foi dito, nem mesmo a percebe.

A escolha da língua é um comportamento aprendido natural e tacitamente (um indivíduo bilíngue raramente pergunta-se: “Que língua eu deveria usar com esta pessoa?”), mas é preciso lembrar que este é um fenômeno muito complexo que só se torna visível no momento em que há uma quebra na interação. Normalmente, os bilíngues, durante suas interações diárias com outros bilíngues, agem sem perceber os vários fatores psicológicos e sociolinguísticos que os induzem à escolha de uma língua ao invés de outra. A língua base pode mudar várias vezes durante uma simples conversa se a situação, o tópico, o interlocutor, etc. assim exigirem (GROSJEAN, 1994, p.168).

Portanto, a interlíngua no contexto do bilinguismo não é um fenômeno estático, mas sim um processo dinâmico e adaptativo. Ela é uma ferramenta que permite ao bilíngue uma maior flexibilidade comunicativa, mas também, é um reflexo da complexa negociação de identidade cultural e linguística que ocorre entre as línguas em contato. Ela envolve a construção de uma identidade linguística que transita entre as línguas de herança e a língua do

país de acolhimento, e, muitas vezes, é a chave para a adaptação social e a integração cultural em um novo contexto linguístico.

3.4 A RELAÇÃO ENTRE INTERLÍNGUA E COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Dell Hymes foi um antropólogo e linguista norte-americano, o qual seus seminários na década de 1960 tiveram um grande impacto no campo da linguística aplicada e na compreensão da comunicação humana. Hymes (1972) ganhou notoriedade por desenvolver o conceito de "competência comunicativa", ideia a qual trouxe revolução na maneira como vemos e estudamos a linguagem e a interação social.

Neste trabalho, concebemos a competência comunicativa através dos trabalhos de Dell Hymes (1972), onde o mesmo questiona o conceito de competência comunicativa de Noah Chomsky por não explorar os aspectos sociais da atuação interna e externa do falante. Explorando tais aspectos, concebemos que não existe um falante ideal, como pensava Noah Chomsky. Cada comunidade de fala se expressa de maneira diversificada, o que não implica dizer que determinado falante não possui domínio do idioma falado.

Uma teoria da competência como essa propõe objetos ideais numa abstração dos aspectos culturais que pudessem aparecer na sua descrição. A aquisição de competência é também vista como essencialmente independente de aspectos socioculturais, necessitando apenas de linguagem adequada no ambiente da criança que se desenvolve. A teoria do desempenho é o domínio que poderia ter um conteúdo sociocultural específico; mas embora comparável a uma teoria da língua em uso, ela está essencialmente voltada para os subprodutos psicológicos da análise gramatical e não, digamos, para a interação social. (HYMES, 1972, p.77)

A teoria da competência comunicativa de Hymes (1972), propôs uma abordagem mais abrangente a fim de compreender a linguagem para além da gramática e da estrutura linguística, como proposto por Noam Chomsky em sua teoria da gramática gerativa. Hymes (1972), aponta que o status de ser fluente em uma língua vai muito além de simplesmente saber ou compreender as regras gramaticais, também envolvendo a capacidade de utilização da língua de maneira apropriada em contextos sociais e culturais específicos.

Ao contrário dos estudos anteriores, em Dell Hymes (1972) muitos são os aspectos que definem uma pesquisa linguística. Muito se observa que ao adotar uma teoria linguística que desconsidere comunidades de fala heterogênea, perguntas e lacunas de extrema importância são deixados absolutamente sem resolução teórica. A realidade da língua exige percepção em

relação à diversidade dentre as comunidades de fala e o quanto fatores sociais e emocionais cumprem um papel de importância dentro da competência de seus falantes.

É preciso reconhecer a ausência de um lugar para os fatores socioculturais e a ligação entre desempenho e imperfeição para que se revele um aspecto ideológico dessa posição teórica. Isso é, se me permitem dizer, uma visão de Jardim do Éden. A vida humana parece dividida entre competência gramatical, um tipo de poder inato ideal, e desempenho, uma exigência mais como o comer de uma maçã, empurrando o falante-ouvinte perfeito para um mundo decaído. Desse mundo, onde os significados podem ser conseguidos pelo suor do senho e a comunicação alcançada com trabalho (cf. Bonhoffer, 1965, p.365), pouco é revelado. A imagem controladora é a de um indivíduo abstrato, isolado, quase um mecanismo cognitivo desmotivado, e não, exceto incidentalmente, a de uma pessoa num mundo social. (HYMES,1972, p.78)

A partir de tais critérios, temos a definição de um falante competente que não será tido como ideal como em estudos anteriores, mas sim, adaptável aos mais diferentes contextos da língua. É preciso pensar nos diferentes contextos em que a língua é inserida na vida de quem a fala e principalmente o papel que a mesma ocupa na psique do sujeito. Dentro da pragmática, Hymes (1972) enfatiza a importância da compreensão dos significados para além das palavras, levando em consideração o contexto e as intenções comunicativas. Para além disso, ao abordar aspectos da sociolinguística, perpassa as condições lexicais, dialéticas e os impactos da condição social na língua.

A teoria da competência comunicativa de Hymes (1972) teve um impacto significativo em diversas áreas, como: a linguística aplicada, educação, antropologia e sociologia. Além disso, a teoria de Hymes (1972) trouxe à academia um maior reconhecimento da importância da diversidade linguística e cultural na comunicação humana. Ao destacar a necessidade de compreender e respeitar as normas sociais e culturais em diferentes contextos, sua abordagem possibilitou aos linguistas ver com maior inclusão e sensibilidade a linguagem e interação humana.

No que diz respeito a interlíngua enquanto sistema linguístico transitório desenvolvido por um imigrante falante de língua de acolhimento (L2), podemos afirmar que desempenha um papel crucial na construção da competência comunicativa. Para muito além do que pode ser pensado, como uma coleção de erros ou desvios, a interlíngua é uma representação das estratégias utilizadas pelos falantes imigrantes para sua comunicação. Dell Hymes (1972), ao formular o conceito de competência comunicativa, enfatizou que o domínio de uma língua vai além da gramática; ele envolve também os aspectos sociais. Nessa perspectiva, a interlíngua é

um mecanismo pelo qual o aprendiz busca comunicar-se, adaptando suas habilidades em tempo real às exigências sociais e culturais de diferentes interações.

Uma característica fundamental da interlíngua é seu caráter dinâmico. À medida que os imigrantes progredem dentro de sua fala na L2 e a tornam ferramenta principal de comunicação, suas interlínguas se alteram, aproximando-se mais da língua de acolhimento, conforme adquirem conhecimento linguístico e sociolinguístico. No entanto, mesmo em estágios iniciais do processo imigratório, os aprendizes conseguem desenvolver uma competência comunicativa básica, utilizando os recursos que têm à disposição para participar de interações sociais. Hymes (1972) defende que essa competência comunicativa é suficiente para que o falante comece a se expressar, utilizando estratégias para compensar as limitações linguísticas, como o uso de gestos, paráfrases ou aproximações semânticas.

Um exemplo a ser utilizado, é de um falante cuja interlíngua ainda não possui uma estrutura gramatical bem desenvolvida pode recorrer à simplificação ou à repetição para transmitir seu significado. Essas estratégias podem não resultar em uma comunicação formalmente precisa, ao ponto de realmente representar aquilo que o imigrante quer dizer e evitar frustrações, mas ao mesmo tempo são funcionais e refletem uma compreensão pragmática do que é necessário para manter a interação.

Outro aspecto relevante que evidencia a relação entre os conceitos de interlíngua e a competência comunicativa, é o uso da "transferência" da língua de acolhimento na construção da interlíngua. Ao aplicarem estruturas ou vocabulários de sua L2, os aprendizes estão realizando escolhas comunicativas que refletem uma tentativa de aproximar-se cada vez mais da L2 e logo da influência que o novo pai cultural exerce no psíquico dos indivíduos, mesmo que essa transferência produza formas híbridas ou não totalmente gramaticais. Essa interação entre L1 e L2 é uma expressão de competência comunicativa, pois o imigrante avalia a situação e, mesmo sem o pleno domínio da L2, busca adaptar seu discurso para tornar-se compreensível ao interlocutor. Esse processo evidencia que a competência comunicativa não é uma habilidade fixa, mas sim, uma habilidade em desenvolvimento moldada pelas tentativas do participante de adaptar seu discurso à realidade comunicativa.

Além disso, o uso de estratégias compensatórias, como as paráfrases, o uso de palavras próximas ao sentido desejado, ou até mesmo a criação de palavras, representa um aspecto da competência estratégica da interlíngua. Essas estratégias permitem ao imigrante manter o fluxo

da conversa, mesmo que enfrente barreiras linguísticas. A competência estratégica, um dos componentes identificados por Hymes (1972), é ativada especialmente quando o aprendiz de L2 se vê diante de um obstáculo, como uma palavra ou estrutura que ainda não domina. Assim, a interlíngua é também um sistema flexível, no qual o aprendiz mobiliza diferentes recursos seja por meio do uso criativo da gramática, seja a manipulação de normas pragmáticas para alcançar o entendimento mútuo.

A interlíngua, portanto, deve ser vista não apenas como um estágio passageiro e individual da vivência no contexto dos fluxos imigratórios, mas como uma representação concreta do que Hymes (1972) propõe em termos de competência comunicativa. Na prática, o uso de uma interlíngua, por parte do indivíduo bilíngue, é uma maneira de demonstrar que ele entende as normas sociais de uma interação, ainda que os aspectos formais da língua estejam incompletos. Isso revela que o conceito de competência comunicativa abarca a habilidade de um falante se adaptar e modificar suas estratégias com base nas necessidades de comunicação, independentemente do nível de precisão linguística alcançado.

3.5 IMPLICAÇÕES DA INTERLÍNGUA PARA A PERDA DA LÍNGUA DE HERANÇA

Uma vez compreendido o conceito de interlíngua, precisamos observar que a etapa de interlíngua pode ter implicações significativas para a perda da língua de herança, especialmente quando o indivíduo passa a utilizar a L2 de maneira predominante em suas interações cotidianas. Fishman (1991) afirmam em sua obra *Reversing Language Shift: Theoretical and Empirical Foundations of assistance to threatened languages* que os problemas da manutenção de uma língua materna se tornam fortalecidos em comunidades em que a utilização da L2 já está tão avançada a ponto de se estender de forma incontrolável a todos os âmbitos da vida do falante. A interlíngua então, acaba sendo utilizada em contextos de imigração ou em ambientes onde a língua de herança não é amplamente utilizada ou valorizada, a interlíngua pode atuar como um ponto de transição que gradualmente distancia o imigrante de sua L1.

Os problemas de manutenção são particularmente mais severos para comunidades de fala que estão sob o efeito de uma transição linguística que já está tão avançada que eles não conseguem controlar o uso informal intergeracional dentro dos ambientes do lar, família, vizinhança e comunidade. Esse certamente se torna o desejo inicial de uma manutenção linguística, mesmo que não liberte a comunidade de fala de uma constante barreira de influência etnolinguística (FISHMAN, 1991, p12).

Ao desenvolvermos a interlíngua, podemos contribuir para o enfraquecimento da L1, pois o falante tende a utilizar mais a L2 no cotidiano e, como consequência, acaba por reduzir o uso da língua de herança. Para além disso, os imigrantes se veem com poucas oportunidades de praticar a L1 e a pressão social para que se adaptem à língua de acolhimento leva-os a dar preferência a L2. Tal movimentação, pode resultar na perda dos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e principalmente lexicais da língua de herança, gerando assim, implicações para a identidade cultural e a transmissão linguística entre gerações.

A perda da língua de herança no processo de aquisição da L2 não ocorre apenas por conta da interlíngua, mas também por fatores sociais e culturais. A interlíngua tem a tendência de se consolidar como sistema linguístico em ambientes em que existe a pressão para a utilização da L2. Um bom exemplo se dá quando os imigrantes sofrem grande pressão para utilizar a língua de acolhimento para que possam ter a oportunidade de ascender no mercado de trabalho ou mesmo interagir de forma emocional com seus parceiros ou filhos.

CAPÍTULO 4: O LÉXICO COMO MANIFESTAÇÃO DA INTERLÍNGUA

Pensando nesta pesquisa, investigaremos o léxico como dado para este estudo. Entendemos então que o léxico, para além de simples inventário de palavras, é um sistema que irá refletir as interações sociais e culturais de seus falantes. Através do olhar da linguística, percebemos as estruturas que acabam por sustentar a comunicação humana. Neste capítulo, exploramos o conceito de léxico como uma manifestação da interlíngua. Uma vez que é no léxico que as influências da língua 2 sobre a língua 1 se tornam mais evidentes, já que ele é formado por experiências cotidianas dentro da linguagem, bem como adaptações que os falantes realizam para se adequar aos mais diferentes contextos linguísticos.

A análise do léxico como sinal da interlíngua revela como os falantes incorporam novas palavras e estruturas semânticas, muitas vezes mediadas pelo que Selinker (1972) denomina de transferência linguística. Essa transferência, embora frequentemente associada a desafios, é também um mecanismo criativo que reflete a capacidade adaptativa dos falantes em ambientes linguísticos variados. Nesse sentido, o léxico vai muito além do mero acúmulo de vocabulário e se apresenta como uma ferramenta que combina aspectos linguísticos, culturais e sociais.

Através das contribuições de Perini (2006), Villalva e Silvestre (2014) e Selinker (1972), este capítulo buscará compreender o papel do léxico no processo de utilização da interlíngua no contexto da imigração de falantes brasileiros vivendo na Bélgica, ainda abordaremos as implicações linguísticas e culturais que permeiam essa interação. Além disso, refletiremos sobre como a vivência em contextos bilíngues traz novas perspectivas para o léxico individual, criando um espaço no qual a interlíngua se manifesta como um reflexo, tanto da diversidade cultural quanto das escolhas linguísticas de seus falantes.

4.1 ENTENDENDO O LÉXICO

O conceito de léxico é fundamental para o estudo da linguística, pois abrange o conjunto de palavras e expressões que formam o vocabulário de uma língua. Diversos estudiosos têm contribuído para a compreensão desse conceito, explorando suas dimensões semânticas, morfológicas e sintáticas.

O léxico pode ser definido como o inventário de unidades lexicais de uma língua, incluindo palavras, expressões idiomáticas, morfemas e outros elementos com significado. Para

muitos linguistas, o léxico não é apenas um simples arsenal de palavras, mas um sistema complexo construído por relações semânticas e sintáticas.

Segundo Ilari e Basso (2006), o léxico é essencial para a comunicação humana, pois é por meio das palavras que expressamos nossos pensamentos, emoções e intenções. Eles destacam que o léxico de uma língua está em constante evolução, refletindo mudanças culturais, sociais e tecnológicas. Essa evolução contínua é observada na introdução de neologismos e na adaptação de significados.

Adentrando a concepção de Perini (2006), o léxico é considerado um grande repertório ao qual obtemos as informações necessárias para desenvolvermos a língua com fluência. Perini (2006) destaca que tal tarefa é mais complexa do que aparenta. Mesmo assim, conseguimos expandir nossa competência em língua materna ainda nos primeiros anos de vida. É de maneira instintiva que esta construção é feita dentro do nosso aparato psíquico. Perini (2006, p. 150) prossegue afirmando que “um falante instruído pode conhecer 20.000 lexemas ou mais, e provavelmente nenhum falante adulto sabe menos de 5.000”. Dita informação parte da ideia que o léxico é composto pela vivência diária de cada indivíduo.

A primeira mensagem deste capítulo é que a tarefa é muito, mas muito mais complexa do que parece, porque cada item léxico envolve diversos tipos de informação. E, apesar de tudo, conseguimos adquirir competência no léxico da língua quando somos ainda crianças, em alguns anos, independente de estudos formais, ou seja, apenas usando a língua no dia a dia (PERINI, 2006, p. 151).

Perini (2006) observa como se dá a construção do léxico já que para ter conhecimento de uma língua é necessário o aprendizado dos lexemas, que são componentes do léxico. Para melhor entendimento do que é o lexema, o autor o diferencia do significado de *palavra* sendo esta entendida como “uma forma individual, com uma representação fonológica ou gráfica única” (Perini, 2006, p. 93). Já o *lexema* é exposto como “como uma classe de palavras relacionadas de determinada maneira” (Perini, 2006, p. 93). O lexema então é o que constitui o léxico.

Villalva e Silvestre (2014) observam a natureza cíclica do léxico ao passo que se modifica entre gerações. Em uma concepção sociolinguística, que vai depender de como se pensa a língua ou dialetos, as ideologias irão muitas vezes permear esse processo de forma mais evidente do que as razões linguísticas. É pensando nisso que precisamos refletir sobre uma descrição linguística lexical voltada para diferentes realidades. O léxico é uma ferramenta que

deve ser analisada a partir do social. Muito se observa modelos ao qual o léxico é representado apenas como estrutura linguística quando na verdade se revela de uma complexidade muito maior, mais ampla e multifacetada.

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes ressurgem, aos dados da escrita, unem - se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita (VILLALVA E SILVESTRE, p. 23).

Trazendo à tona a realidade dos falantes, percebemos que é a partir de suas experiências que conseguimos alcançar a compreensão do léxico. É durante a exposição do falante a uma determinada língua que teremos um alargamento de seu léxico. Logo, podemos pensar que mesmo indivíduos que vivenciam uma língua estrangeira podem desenvolver um léxico abrangente caso entrem em contato diário e imersivo com a língua.

Procurar conhecer o léxico de uma língua a partir do conhecimento do léxico dos falantes implica compreender o que se passa nessa dimensão. O léxico de cada falante, que é também chamado de léxico mental, depende de sua apropriação dos estímulos lexicais a que é exposto, e, portanto, variará muito em função de sua experiência linguística individual, do que ouve, do que lê, do que se fala e do que escreve (VILLALVA E SILVESTRE, p. 23).

Assim, podemos pensar no léxico como um repertório intermitente que sofrerá mudanças seguindo o fluxo vital de seus falantes e suas necessidades linguísticas e ideológicas. Quando vemos o léxico para além dos conceitos gramaticais, percebemos a natureza humana por trás de todos os fenômenos linguísticos. Por mais que possamos pensar em léxico como algo imutável, tanto em L1 quanto em L2, explorar a natureza social de uma estrutura linguística traz a reflexão sobre como abordar tais conceitos levando em consideração diferentes lentes e realidades sociolinguísticas.

4.2 LÉXICO X VOCABULÁRIO

No tópico anterior entendemos o conceito de léxico para esta pesquisa. Todavia, podemos nos perguntar se a utilização dos termos léxico e vocabulário como sinônimos se faz adequada. Fizemos uma breve menção a diferença entre palavra e léxico. Neste tópico iremos nos aprofundar no que difere o léxico e o vocabulário.

Travaglia (2021, p. 26) aborda o vocabulário como um “termo equivalente ao léxico”. Contudo, também explora uma ideia mais ampla, a qual o vocabulário seria uma amostra mais específica do próprio léxico, usado nas mais diversas áreas e grupos sociais. Daí vem a noção de um vocabulário jurídico ou de um vocabulário médico para descrever os termos utilizados no cotidiano de tais áreas do conhecimento.

O léxico acaba por ser mais abrangente do que o vocabulário na medida que explora, não somente as palavras, mas as expressões idiomáticas. Ao utilizar tais ferramentas para compreender ou produzir textos através do que Travaglia (2021, p. 26) chama de “itens lexicais”, um indivíduo está utilizando-se de sua competência lexical. Um vocabulário mais robusto amplia essa competência, estima-se que um falante médio tenha entre 20 mil a 100 mil palavras em seu vocabulário.

O incremento da competência lexical acontece durante toda a vida de uma pessoa, em todas as idades em função não só da escola, mas também de leituras, novas experiências culturais, do contato com a mídia, da atuação em campos diversos de vivência com atuação em diferentes grupos, e assim por diante. (Travaglia, 2021, p. 27)

Maria Tereza Biderman (1996) explora o vocabulário como um conjunto de realizações discursivas das unidades lexicais. O vocabulário é a própria realização do léxico de uma língua, sendo intimamente ligado à individualidade. Logo, cada pessoa apresentará um repertório de vocabulário diferente.

4.3 O LÉXICO COMO SINAL DA INTERLÍNGUA

Podemos perceber o léxico como sinal da interlíngua na medida em que tem um papel fundamental para compreendê-la. É através do léxico que conseguimos detectar a presença de uma interlíngua. Trazendo à tona as ideias voltadas para o léxico em que o meio social vai ser peça chave para refletir sobre ele, entendemos que o léxico na interlíngua é uma rica fonte de pesquisa para o entendimento do léxico em língua portuguesa por uma perspectiva sociológica.

Villalva e Silvestre (2021) apontam que todos os falantes podem em algum momento variar o seu uso da língua sem que haja comprometimento do entendimento entre o mesmo e seu interlocutor. Os autores prosseguem nomeando esses momentos como “desacertos”, o que acaba por ser uma manifestação comum da própria aquisição do léxico da L2 em que, mesmo em contextos comunicativos com falantes da língua materna, tentam integrar o léxico da Língua de acolhimento.

Os falantes que integram uma dada comunidade linguística podem variar entre si no uso da língua- ou provém de variedades ou dialetos distintos ou são falantes conservadores a face a outros mais inovadores. Geralmente, esse espaço de “desacerto” linguístico não impede a intercompreensão e também não é caracterizado como erro, o que nos traz de volta ao conceito abstrato de língua, ou da língua que a norma prestigia. (VILLALVA E SILVESTRE, p. 22).

No entanto, essa adaptação acaba por ser mediada pelo que Selinker (1992) chama de transferência linguística que tanto pode ser tida como benéfica em alguns contextos como desafiadora para a manutenção da cultura e língua materna. Selinker e Susan Gass (1992) trazem em seu livro *Language transfer in language learning* a seguinte passagem de Robert Lado (1957) que ilustra de forma pertinente a ideia de transferência linguística.

Os indivíduos tendem a transferir as estruturas e significados, e a distribuição das formas e significados da língua e cultura materna para a língua e cultura estrangeira - tanto de forma produtiva ao tentar falar a língua e agir na cultura, quanto de forma receptiva ao tentar apreender e compreender a língua e a cultura conforme praticada pelos nativos (LADO, 1957, p. 02 apud SELINKER, 1992, p. 01)

Uma vez no âmbito da imigração, o léxico se manifesta de forma dinâmica e culturalmente carregada. O imigrante que incorpora a língua de acolhimento em seu âmago muitas vezes recorre a tradução literal ou uso de palavras para se comunicar em esferas em que predomina a sua língua materna. Um exemplo é a utilização da palavra “anciã” por uma imigrante brasileira, em uma frase durante uma conversa em língua materna, pois não conseguia expressar a palavra “antiga”. Logo, se utilizou de uma tradução literal para expressar o que desejava. Percebe-se assim, que tal estrutura não é incorreta, mas sim inusitada, uma vez inseridos em um contexto ao qual o português é falado cotidianamente.

Para que possamos visualizar o exemplo acima, faremos uma comparação entre a fala da imigrante e como uma pessoa que não vivencia essa realidade de interlíngua se expressaria.

“Nem muito moderna, nem muito anciã” (Brasileira imigrante)

“Nem muito moderna, nem muito antiga” (Brasileiro sem estar em situação imigrante)

Quando associamos o conceito de interlíngua ao conceito de léxico, percebemos com mais clareza que este não é apenas uma coleção de vocabulários, e sim um sistema complexo que envolve diversos significados, conotações culturais e sociais. Assim, entendemos que quando um indivíduo aprende uma nova língua não apenas está adicionando vocabulário ao

léxico de língua materna, e sim reorganizando a forma como concebe a língua o que se torna evidente pelas escolhas lexicais feitas pelos participantes.

CAPÍTULO 5: A INTERLÍNGUA COMO EFEITO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO

A imigração, enquanto fenômeno social, cultural e psíquico, configura-se como uma experiência que muitas vezes ocorre em meio a significativas perdas, abandonos e apagamentos. A partir disso, entendemos que a memória ocupa um papel de suma importância na compreensão das marcas deixadas pela vivência dentro deste fenômeno. Almeida (2021) destaca que a memória permite ao imigrante resgatar fragmentos de sua identidade ao estabelecer um diálogo com os elementos que um dia lhe foram familiares, tais como: objetos, sons, imagens ou palavras. Esse resgate pode, no entanto, nos abrir caminhos para a reconexão desses indivíduos com suas raízes culturais.

Para Le Goff (1990), a memória é entendida como uma função psíquica e social fundamental, interligada a diferentes campos do conhecimento, desde a psicologia até a sociologia, passando pela biologia e pela psiquiatria. Essa abordagem permite compreender não apenas os aspectos individuais da memória, mas também suas implicações coletivas e culturais, especialmente no caso das comunidades imigrantes, onde o esquecimento pode levar a uma espécie de "amnésia coletiva". Nesse processo, a perda do idioma e das referências culturais originais reflete a tentativa de superação dos traumas, bem como traz à tona todas as consequências de um afastamento definitivo da pátria de origem.

A memória coletiva, como reforça Le Goff, é um componente essencial na construção da identidade – seja ela individual ou coletiva. Para os imigrantes, a manutenção da memória é um desafio constante diante das pressões do novo ambiente cultural, que frequentemente requer concessões, adaptações e, em alguns casos, rupturas com o passado. No entanto, a preservação da memória é crucial para evitar o apagamento completo das heranças culturais e garantir que as gerações futuras possam reconhecer suas origens e valorizar sua história. Nas palavras de Almeida (2017, p. 32), "a herança é o Brasil no brasileiro". Dessa forma, compreender e explorar as dinâmicas da memória no contexto da imigração é essencial para o entendimento do impacto desse fenômeno na formação identitária e cultural de indivíduos e comunidades ao redor do mundo.

5.1 IMIGRAÇÃO E MEMÓRIA

Para compreender as significativas perdas, abandonos e apagamentos na vivência imigrante, é preciso ter em mente a conceituação de memória e o que ela representa de um ponto de vista multidisciplinar. A memória nos permite identificar as lacunas deixadas pelos

traumas da imigração e promove atitudes que podem tocar o inconsciente e despertar algo que foi calado dentre a castração de viver fora de sua filiação (ALMEIDA, 2021). Logo: “E chegaram a esta conversa sobre como criar situações para o imigrante destampar a história, o tempo, as lembranças; cavar até a raiz de suas raízes e entrar num processo de autorreconhecimento” (ALMEIDA, 2021, p. 14). O imigrante retoma seu contato com aquilo que um dia lhe foi familiar através de elementos cotidianos como objetos, sons, um discurso, vestimentas etc. Assim, o estudo da memória segue a definição de Le Goff (1990) e traça um paralelo entre as mais diversas áreas do conhecimento para explicar sua importância para os seres humanos.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria [cf. Meudlers, Brion e Ueury, 1971; Florès, 1972]. (LE GOFF, 1990, p. 366)

Uma das grandes preocupações no estudo da língua de herança é o apagamento e as perturbações voltadas à memória coletiva das comunidades imigrantes. Após anos na condição de imigrante, muitos indivíduos tendem a esquecer não somente a língua, como também, como é ser brasileiro e viver no Brasil. Muitos são os relatos em que afirmam que já não conseguem mais sobreviver no país de origem, pois tal realidade já não faz jus àquilo que acreditam e tomam como verdade, ou mesmo nem sequer lembram de como é a própria pátria. A amnésia voltada ao país de origem reflete os traumas vivenciados, onde, por meio do abandono e esquecimento da própria cultura, o indivíduo busca superá-los. Contudo, tal esquecimento gera implicações profundas para o inconsciente, o indivíduo já não mais se reconhece como brasileiro e nem mesmo se vê como parte do país em que vive. Assim, uma nova ideia acerca da cultura brasileira é repassada aos seus descendentes, que por seguinte sofrem com tais interditos e vivem à mercê do não conhecimento de sua própria origem.

Ainda é mais evidente que as perturbações da memória, que, ao lado da amnésia, se podem manifestar também no nível da linguagem na afasia, devem em numerosos casos esclarecer-se também à luz das ciências sociais. Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 1990 , p. 367)

Le Goff (1990) afirma que a memória é um elemento essencial ao que chamamos de identidade, seja ela individual ou coletiva, a qual a busca é uma das principais atividades dos indivíduos e sociedades mesmo na febre e na angústia. Explicando para o contexto da herança, é impossível construir uma identidade sem herança, sem memória. O lembrar reforça a ideia de um indivíduo que para além de reproduzir cultura, é falado por ela. Ao ser “engolido” pelo novo pai cultural na condição de imigrante, é necessário a esses indivíduos um esforço muito maior para romper com os interditos e manter uma história de imigração saudável que proporcionará as gerações futuras identidade suficiente para compreender o que Almeida (2019, p. 32) afirma em *A língua e a árvore*: “A herança é o Brasil no brasileiro”. Em todos os lugares do globo podemos encontrar o Brasil se tivermos a manutenção da memória e tradição brasileira por seus imigrantes.

Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permite compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (Le Goff, 1990, p. 410)

Almeida (2021) aborda de maneira poética a relação entre o imigrante que compreende o peso de sua cultura para o bem-estar mental e para a memória de sua pátria. Para ela, existe a necessidade da retomada daquilo que se perdeu no meio do processo de imigração, que para além de ser eternizado, deve ser repassado para aqueles que ainda vivem em função dos traumas e interditos.

Aquele assunto de herança provoca nelas devaneio. Uma necessidade de tocar o intangível, colocar na mala e continuar levando mundo afora para os imigrantes não se perderem dela. Para elas, já estava bem claro que perder a herança, deixar o balão voar é perder-se (ALMEIDA, 2021, p. 49).

5.2 MALA DE HERANÇA: A MANUTENÇÃO DA LÍNGUA DE HERANÇA ATRAVÉS DA MEMÓRIA

O projeto Mala de Herança é uma iniciativa da pesquisadora Andrea Menescal Heath, que para além de pesquisar língua e cultura de herança, vivencia em seu cotidiano familiar. A própria Andrea é uma imigrante brasileira na Alemanha e busca manter a cultura brasileira viva em seu seio familiar através da leitura, música e diversos outros aspectos relacionados à sua terra natal.

A princípio o projeto Mala de Herança se ateu ao empréstimo semanal de livros em língua portuguesa para alunos de uma escola bilíngue (português-alemão). Muitas dessas

crianças eram filhos de imigrantes brasileiros e acabavam por vivenciar os estímulos de uma experiência em língua portuguesa. Antes da escolha dos livros, era feita a “Hora da Leitura”, que consiste em uma contação de histórias para as crianças. Junto à comunidade brasileira, a Mala de Herança se expandiu e entrou em contato com as mais diversas estruturas familiares, e surgem aí os encontros do projeto que, para além das leituras, começaram a realizar festas típicas brasileiras (Festa Junina, Carnaval etc).

Dentro da Mala que carrego vai a bandeira do Brasil, livros brasileiros, língua e literatura brasileiras. Mala multiplicada por outras brasileiras pelo mundo afora. Leitura e cultura nas histórias que conto, ressaltado o conteúdo da Mala que cada um de nós carrega (Heath, 2017, p. 23).

Le Goff cita Pierre Janet explicando que o autor considera o comportamento narrativo como ato mnemônico fundamental, já que este cumpre sua função social: a comunicação.

Deste modo, Henri Atlan, estudando os sistemas auto-organizadores, aproxima "linguagens e memórias"; "A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória" [1972, p. 461] (Le Goff, 1990, p. 367).

Atrelando tais conceitos à Mala de Herança, conseguimos compreender as ferramentas de manutenção da língua e cultura brasileira em ambientes fora do Brasil. A contação de histórias é uma ferramenta que, para além de manter o contato das crianças com a língua, promove a exploração do conhecimento prévio e mantém um diálogo com a cultura. É através desse contato periódico que conseguimos evitar possíveis apagamentos.

5.3 A PERDA DE IDENTIDADE, O SENTIDO E AS RELAÇÕES LEXICAIS

Uma das principais causas para o fenômeno da imigração é a busca por melhores oportunidades e a promessa de qualidade de vida, que muitos países, sobretudo na Europa, podem oferecer. O imigrante vive o deslumbre de deixar seu país sem saber que essa mudança não apenas se manifesta no deslocamento territorial, como também em uma mudança absoluta de todo aparato sociocultural que o rodeia e que exige renúncias quanto a sua cultura de origem.

Morar em um lugar outro que o seu país de origem, leva o imigrante a sucumbir a um novo pai cultural que reivindicará adequações por parte do indivíduo, para que seja aceito dentre

dado contexto. Contudo, apesar de todas as renúncias, aquele que vive em situação de imigração nunca será visto como parte efetiva daquela comunidade, mesmo que abandone completamente sua cultura e busque preencher os requisitos deste novo pai. Surge então a realidade dos apátridas, que não mais pertencem ao seu país de origem e tampouco ao país onde vivem. Em Almeida (2021), encontramos evidências para tais afirmações.

Todo o imigrante vive, diariamente, o desafio de ser outro, de falar como outro, de viver como outro, ou seja, como alguém que escolheu não pertencer ou que decidiu ser de fora, na ilusão de um dia ser de dentro e não tem o controle das consequências de uma experiência que altera a história do estar no mundo(...) (ALMEIDA, 2021, p. 19).

O processo de perda se faz inevitável ao imigrante, que muitas vezes ao ser inserido em um novo contexto cultural sofre com o apagamento do próprio nome. Muitas são as barreiras linguísticas e discursivas impostas a esses indivíduos, gerando restrições e mutações na forma como o mesmo se vê diante da língua materna e de sua realidade sociocultural no país de origem. Com o decorrer do tempo, vivendo em país outro que não o seu, cada vez se torna mais claro para o imigrante a proposição de não ser mais o mesmo. Em Hamad e Melman (2019), são relatados casos de imigrantes que após longos períodos sem utilizar a língua materna tiveram seu sotaque confundido com o de um estrangeiro.

Essa distância entre o antes e o depois é inevitável pela simples razão de que não se entra impunemente em uma nova cultura ou língua. Uma modificação ocorre pelo próprio fato de que a linguagem é carnal. Quando se vive durante anos em uma língua outra que sua língua materna, a nova língua, praticada há anos, afeta o corpo, bem como a pronúncia, a pontuação, e a musicalidade da primeira língua (HAMAD; MELMAN, 2019, p. 69).

A forma como cada pessoa lida com a imigração varia de acordo com a história de cada um, história essa que também pode partir do coletivo e da forma como o próprio brasileiro se relaciona com o Brasil. Entendendo que uma das maiores motivações para a movimentação de brasileiros para outros países é a busca por melhores condições de vida. Encontramos dentro das falas desses imigrantes, discursos que já fazem parte da história do Brasil e do que o país representa para a própria população. Em muitos momentos, a experiência de ser brasileiro se torna traumática para essas pessoas, ocasionando até mesmo um afastamento em definitivo de tudo aquilo que remete à terra natal. Esse afastamento, contudo, deixa marcas profundas na psique de quem o experimenta e promove danos irreparáveis.

(...) compartilhando aquilo que vivenciaram também com aqueles que dizem viver muito bem fora de sua terra; com os que afirmam não sentir falta nem do lugar, nem da língua, nem das pessoas; com os que declaram não se

arrependem de terem aceitado o desafio de deixar para trás suas terras e, mesmo felizes, guardam, em algum lugar de si, um lado obscuro de um ser dividido por algum oceano (ALMEIDA, 2021, p. 18-19).

Com a “integração” à nova pátria, o imigrante se vê forçado a abandonar patrimônios relacionados a sua subjetividade em prol da aceitação, e como condição para viver em outro lugar que não seja aquele ao qual possui origem. Muitas são as pessoas que ao vivenciarem a realidade da imigração vão deixando cada vez mais de canto o uso da sua L1. Questão esta que se faz preocupante, afinal, ao cortar as raízes surge o esquecimento, a sensação de não pertencimento e a instabilidade do psiquismo por meio do apagamento da memória representada pela língua.

Dentro deste apagamento, podemos analisar como se constroem as relações lexicais para a população imigrante. Entendemos que mediante tantas perdas no que tange ao psíquico haveriam interferências na L1. Um bom exemplo que pode ser analisado por este ponto de vista é de uma conversa com uma imigrante que vive há mais de 10 anos na Bélgica e tem como L2 a língua francesa. Durante o relato, a mesma se referenciou a uma placa solar ou placa fotovoltaica. Contudo, não conseguiu encontrar um sentido em língua portuguesa para dizer aquilo que desejava, utilizou-se do léxico em língua francesa *panneau photovoltaïque*.

Para explicar tal fenômeno, retomaremos a ideia a qual o léxico está intrinsecamente ligado à ideia de cultura. O novo pai cultural, a língua francesa, exerce influência nas próprias experiências da falante. Talvez esse indivíduo não tenha tido a oportunidade de vivenciar ou até mesmo conhecer tal objeto em seu cotidiano no país de origem, o qual utilizava a língua materna, logo, só encontra sentido na língua francesa.

Márcia Cançado explica sobre como é construído o sentido dentro da língua:

Assumindo-se, pois, que o sentido tem relação direta com o conceito que temos sobre as expressões linguísticas, podemos acrescentar, ainda, que o sentido refere-se ao sistema de relações linguísticas que um item lexical contrai com outros itens lexicais, ou que o sentido de uma expressão é o lugar dessa expressão em um sistema de relações semânticas com outras expressões da língua. Só poderemos chegar ao conceito de uma expressão linguística, se conhecermos o sistema lexical da língua em questão e como esses itens relacionam-se (CANÇADO, 2008, p. 81).

A teoria de Frege (1978, apud CANÇADO, 2008) sobre o sentido e referência, oferece uma lente interessante para examinar a influência do sentido no léxico dos imigrantes. Para Frege, o sentido de uma palavra está intrinsecamente ligado à sua função referencial e à sua

relação com outras palavras no contexto linguístico. No caso dos imigrantes, a assimilação de uma nova língua muitas vezes implica na redefinição dos sentidos das palavras conforme experiências, contextos e necessidades pessoais. Por exemplo, a palavra "casa" para um imigrante pode evocar não apenas um espaço físico, mas também sentimentos de saudade, pertencimento e adaptação cultural. Essa ampliação de sentido reflete não apenas uma adaptação linguística, mas também um processo de integração e construção de identidade em um novo ambiente. Assim, a teoria de Frege oferece *insights* valiosos sobre como o sentido no léxico dos imigrantes é moldado e transformado pela interação entre linguagem, experiência e contexto social.

Frege (1978) argumenta que "a referência de um nome é a próprio objeto que para seu intermédio designamos; a representação que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está a sentido que, na verdade, não é tão subjetivo quanta a representação, mas que também não é a próprio objeto". Para ilustrar essa distinção, Frege usa a seguinte metáfora: suponhamos que alguém esteja olhando a lua através de um telescópio. O autor compara a própria lua à referência; ela é o objeto de observação, proporcionado pela imagem real projetada pela lente no interior do telescópio e pela imagem na retina do observador. A imagem real projetada pela lente, Frege compara ao sentido. A imagem da retina, o filósofo com para à representação mental (CANÇADO, 2008, p. 82).

A história de imigração revela a existência de muitas perdas em termos lexicais. O indivíduo entrega-se à língua estrangeira como uma oportunidade de esquecer as dores sofridas na língua materna com as novas experiências vivenciadas pelo imigrante, que apesar de brasileiro, carrega consigo um pouco da nova cultura. As referências dos brasileiros que vivem no Brasil são distintas das referências de brasileiros vivendo na condição de imigrantes.

A teoria do sentido de Frege (1978, apud CANÇADO,2008), oferece uma perspectiva intrigante para compreender a experiência linguística dos imigrantes em contextos de migração. Para Frege, o sentido de uma expressão não está simplesmente atrelado à sua referência direta, mas também envolve uma complexa rede de relações semânticas, contextuais e pragmáticas. Ao aplicarmos essa teoria ao léxico dos imigrantes, podemos perceber como a assimilação de uma nova língua implica não apenas na aprendizagem de novos termos, mas também na reconfiguração e ampliação dos sentidos das palavras conforme as experiências individuais e culturais dos imigrantes.

PARTE II

CAPÍTULO 1: IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS DA SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM NA PESQUISA SOBRE INTERLÍNGUA

1.0 SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM COMO LENTE PARA ESTA PESQUISA

Severo e Gorski (2023), em seu artigo “Sociologia da linguagem e sua relação com a macro e a microssociolinguística”, citam Fishman (1968) para entender a sociologia da linguagem e explicitam a importância de um olhar mais amplo quando abordamos a linguagem. É preciso ter sensibilidade e explorar os mais diversos elementos sociológicos, como por exemplo, os papéis sociais que os indivíduos exercem, os contextos aos quais estão inseridos, dentre muitos outros que vão definir como se dará o funcionamento da linguagem. Assim, não podemos analisar a linguagem por um viés puramente funcional, já que a mesma é lapidada a partir dos comportamentos linguísticos sociais dos falantes. Entendemos que a sociedade passa pelas mais diversas mudanças e variações, e são justamente elas que moldam a linguagem a partir das experiências sociais dos indivíduos.

Fishman defende um olhar sensível a vários elementos sociológicos - heterogeneidade, permeabilidade, papéis sociais, contexto de interação, entre outros - como relevante para uma análise do funcionamento da linguagem. Reconhece-se, portanto, a natureza amplamente variável da linguagem e da sociedade e a possibilidade de uma análise entre comportamento linguístico e social. Em um texto posterior Fishman apresenta uma definição mais alargada do campo para incluir a relação entre esses dois aspectos do comportamento humano: a sociologia da linguagem examina a interação entre esses dois aspectos do comportamento humano: o uso da linguagem e a organização social do comportamento, o que inclui não apenas a descrição de usos, mas também as atitudes linguísticas sobre os usos e os falantes. Trata-se de considerar a maneira como linguagem e sociedade se afetam mutuamente e oferecem reflexões relevantes para a linguística e a sociologia (SEVERO E GOSRKI, 2023, p. 9759).

Ao abordar a amplitude e variabilidade da linguagem e da sociedade, Fishman (1968) destaca que tais elementos sofrem mudanças e se adaptam aos mais diversos contextos o tempo inteiro. A linguagem deve ser vista com fluidez, uma vez que, passa por transformações diversas ao longo do tempo, o que reflete as próprias mudanças que ocorrem dentro da sociedade. Em sua análise, o autor propõe a observação das maneiras nas quais a língua pode ser utilizada em contextos distintos e como seu uso irá variar de acordo com as situações sociais que nos são impostas. Desse modo, conceber o comportamento linguístico dos imigrantes através da perspectiva em que as implicações de tal fenômeno social são entendidas, nos leva a

refletir sobre os significados que a interação entre o comportamento linguístico e social carregam.

Fishman (1968, apud SEVERO E GOSRKI, 2023) aborda então a definição de sociologia da linguagem como não apenas uma descrição dos usos da linguagem, mas também das atitudes dos falantes perante as situações de linguagem. Assim, retomando Pessoa (2003, p. 196), que afirma que “Minha língua é minha pátria”, a sociologia da linguagem, bem como o poeta, entende a complexidade da linguagem para além de mero instrumento de comunicação, mas sim um emaranhado de crenças, valores e percepções sociais e culturais.

Como um campo interdisciplinar recém - desenvolvido, a sociologia da linguagem pode muito bem ser abordada, no momento, seja por meio de temas, conceitos e métodos derivados principalmente da linguística, ou de temas, conceitos e métodos derivados do comportamento social. Com efeito, é inevitável que temas, conceitos e métodos ‘emprestados’ predominem até que os estudantes de sociologia da linguagem esclareçam um número suficiente de temas, conceitos e métodos que são exclusivamente apropriados e mais plenamente integrados em termos de suas próprias necessidades e interesses. Assim, a expressão ‘sociologia da linguagem’ é mais uma indicação de perspectivas voltadas para o futuro do que de perspectivas atuais factíveis ou desejáveis (FISHMAN, 1968, P.06 APUD SEVERO E GOSRKI, 2023, p. 9759).

No contexto da imigração, entendemos que para se conceber a língua dentro deste fenômeno, devemos levar em consideração o caráter social da mesma. Hamad e Melman (2019) abordam o quão complexo é o processo de imigração transmitindo o imigrante através da figura de uma criança. Uma vez que adentra uma nova cultura, sente o peso de dividir-se entre a sua cultura de origem e do país de acolhimento. Pensando nisso, percebemos a interseção entre linguagem e cultura, para além de outras dinâmicas sociais no que chama de Sociologia da linguagem.

O problema da transmissão está também no seio das dificuldades da criança emigrada. Destacamos neste caso, também, a demissão do fator cultural, pois o biologismo que prediz leva a questão genética, independente da inteligência dos atores. A religião, os costumes e a história estão no encontro e dividem a criança entre a consideração da origem e a consideração daqueles que a acolheram. (HAMAD E MELMAN, 2019, p. 16).

Os imigrantes passam por um processo de adaptação linguística que ultrapassa o simples ato de aprender uma nova língua, confrontando identidades. É na sua língua materna que carrega os valores, a história e os costumes de sua origem, que entram em conflito com todas as demandas que a inserção à nova cultura reivindica. Nesse contexto, analisando pelo viés da

sociologia da linguagem, a língua do imigrante deixa de simplesmente ocupar o espaço de comunicação, também representando sua identidade e pertencimento dentro do âmbito social.

Hamad e Melman (2019) criticam a visão a qual observa-se o falante de forma puramente genética e negligenciam os fatores culturais que os cercam. Toda e qualquer transmissão de conhecimento, valores e cultura é feita através da linguagem e muito está ligada ao meio social ao qual os indivíduos estão inseridos. Adentrando a situação dos imigrantes, os costumes e a cultura apresentados em língua materna passam a ocupar outro lugar diante da cultura de acolhimento, que compete para ganhar espaço dentro das experiências desses indivíduos. É dentro desta complexidade que o social molda o fenômeno linguístico de interferência da L2 na L1. A sociologia da linguagem, logo, apresenta ferramentas indispensáveis para compreender o que molda os usos da língua e quais dinâmicas identitárias ocorrem no contexto da imigração.

1.2 SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM OU SOCIOLINGÜÍSTICA?

Quando pensamos em sociologia da linguagem, nos deparamos com o termo sociolinguística, que pode nos levar a crer que ambos os estudos se tratam da mesma coisa. Para esta pesquisa, utilizaremos como base para a análise de dados a Sociologia da linguagem, uma vez que, entendemos que é a partir de um comportamento social que temos a base para o fenômeno linguístico de interferência da L2 na L1. Para isso, precisamos entender o que, de acordo com Fishman (1968, apud SEVERO E GOSRKI, 2023), difere a sociologia da linguagem da sociolinguística.

Sobre a relação entre os termos “sociolinguística” e “sociologia da linguagem”, embora, de acordo com o autor, ambos pudessem ser usados de maneira intercambiável (Fishman, 1968), a escolha de Fishman pelo segundo termo é justificada da seguinte maneira: destina-se a um público interessado na relação entre comportamento social e uso linguístico; e elege a sociedade como uma dimensão mais ampla do que a linguagem, fornecendo o contexto no qual os comportamentos linguísticos são analisados. Diferentemente da sociologia da linguagem, a sociolinguística operaria de maneira inversa, priorizando os comportamentos linguísticos. Registre-se que nos trabalhos (Language in sociocultural Change), Fishman expressaria dúvidas sobre o uso do termo “sociolinguística”, pois remeteria a uma certa prioridade linguística em detrimento do social; a partir de então, o uso do termo sociologia da linguagem por Fishman teria se tornado dominante em suas publicações (Garcia; Schiffman, 2006) (SEVERO E GOSRKI, 2023, p. 9759).

Severo e Gosrki (2023), discutem as diferenças entre os termos "sociologia da linguagem" e "sociolinguística", com base nas ideias de Joshua Fishman (1968). Embora os dois conceitos possam, em alguns momentos, serem usados de maneira intercambiável, Fishman (1968) destacou a distinção entre eles, que ocorre a partir na ênfase dada ao social e ao linguístico. Na sociologia da linguagem, a sociedade é o foco principal da análise. Esse

campo busca compreender como os comportamentos linguísticos são influenciados e moldados por fatores sociais. A linguagem é tratada como reflexo e instrumento de fenômenos sociais, sendo analisada dentro de um contexto maior que dá maior importância ao impacto que as dinâmicas culturais exercem em seu uso.

Já a sociolinguística vai priorizar os fenômenos linguísticos, iniciando sua análise pela linguagem e investigando como ela varia ou se manifesta em diferentes contextos sociais. Esse campo foca nas variações linguísticas relacionadas a fatores como idade, gênero ou classe social, tratando o social como um fator que irá complementar a análise linguística. Fishman criticava essa abordagem por sugerir uma prioridade ao linguístico em detrimento do social, o que, em sua visão, limitava o alcance das investigações.

Entre dois campos, 'o estado da união' dentro da sociolinguística/ sociologia da linguagem tem sido bastante desequilibrado. Os sociolinguistas continuaram a ser formados com muito mais frequência em linguística do que em sociologia, sendo esta última muitas vezes considerada útil apenas para a exposição e orientação informais em vez de ser considerada um corpo substantivo e formal de habilidades técnicas e proposições teóricas (FISHMAN, 1968, P.06 APUD SEVERO E GOSRKI, 2023, p. 9760).

Fishman prossegue demonstrando a desigualdade existente entre os dois campos. O autor prossegue afirmando que muito se prioriza a linguística em prol da sociologia. Percebemos mais ênfase no que tange às questões de ordem sociolinguística do que o que se relaciona às questões sociais as quais envolvem esse processo.

Assim, a principal diferença entre os dois campos está na ideia em que a sociologia da linguagem parte da sociedade para analisar como ela molda o uso da linguagem, enquanto a sociolinguística parte da linguagem para compreender como ela reflete características sociais. Fishman (1968) preferia o termo sociologia da linguagem, pois considerava como essencial iniciar a análise pela sociedade e pelo contexto cultural para entender os comportamentos linguísticos. Ele via a linguagem como uma ferramenta que atende as necessidades das estruturas sociais, acreditando que qualquer análise que priorizasse o linguístico poderia minimizar a complexidade das influências sociais. Tal visão, fez com que Fishman (1968) fixasse o uso do termo "sociologia da linguagem" em suas publicações, reforçando a importância de uma abordagem que privilegia o social como principal eixo da análise.

2.0 EPISÓDIOS LINGUÍSTICOS DA DECISÃO DE SER IMIGRANTE

2.1 EPISÓDIO 1

A imigrante relata não ter muito contato com as pessoas. Afirma que trabalha de segunda a sexta, fazendo faxina na casa de uma senhora idosa, com quem tem mais contato. Durante o dia, seu marido sai para o trabalho às sete e quarenta da manhã e retorna apenas às dezoito horas, quando conseguem manter contato em língua francesa. Em seu contexto, seu marido não tem domínio da língua Portuguesa, limitando-se a compreender e falar palavras simples como “oi”, “obrigado” e “tchau”.

Durante o relato, afirma que dentro de sua comunidade, existem apenas 3 brasileiras. Contudo, por mais que vivam próximas, a indisponibilidade de tempo e o choque de horários não permite que se encontrem e tenham contato. A participante destaca que não se trata de diferenças pessoais, pois se dão bem entre si, mas sim, a inconformidade de horários que as afasta. Relata que vive a uma distância de 10 minutos de outra imigrante brasileira e, com frustração, diz que faz dois anos que não a vê. Nos fins de semana, fala com as primas por meio de mensagens ou visitas, mas não é sempre.

A imigrante informa que visita o Brasil todos os anos para ver a família que ficou no país, como o próprio filho e o pai. Todavia, quando questionada sobre como se dá o contato com a língua portuguesa por meio da leitura e outros meios, a mesma diz escutar utilizando os meios de comunicação. Todavia, relata que já não assiste conteúdo televisivo em língua portuguesa, como filmes e séries por exemplo. Limitando-se a ler notícias na internet sobre o Brasil, já que gosta de se informar sobre o país de origem, e afirma que tem esta movimentação para sempre estar ciente do que está acontecendo por não gostar que tragam informações equivocadas sobre seu país.

2.2 EPISÓDIO 2

A imigrante relata ser casada com um não falante de língua portuguesa e que se torna difícil para ela expressar seu emocional de forma mais intensa e íntima. A língua francesa não consegue externalizar aquilo que realmente gostaria de dizer ao seu marido. O mesmo não tem o domínio da língua portuguesa, a qual apenas compreende e pouco fala.

Assim, a participante afirma que somente se expressando em língua portuguesa conseguiria transmitir seu emocional. Todavia, percebe que a partir de suas tentativas de se

apropriar da L2 para comunicar ao marido o que sente, começa a se entender como também pertencente a aquela cultura.

Relata que tem contato com língua portuguesa atualmente através dos familiares que vivem no Brasil, os quais se comunica através de chamadas de vídeo, bem como o contato com seus filhos a quem ensina a língua portuguesa.

2.3 EPISÓDIO 3

Segundo o relato da imigrante, sua relação com o português é “praticamente zero”. Afirma que às vezes tem contato com outra brasileira, mas a região onde mora não possibilita maior interação com outros falantes de sua língua materna.

Revela que fala com os filhos o português e que se acostumou a ter contato com eles apenas nesta língua, já que é sua língua materna e que isso oportuniza a eles a aprendizagem de língua portuguesa, que não tem no ambiente escolar. A participante diz que para os filhos falar português não é uma tarefa fácil e que por mais que entendam e consigam se comunicar, seu português não é falado de forma convencional.

A imigrante afirma que, por vezes, se encontra com algumas amigas que habitam a capital, mas que o contato não é muito frequente pois o local onde habita é distante e cercado de belgas. Relata que tem contato com uma brasileira, mas que mesmo assim não é constante, pois a rotina e o tempo disponível para tais encontros acabam não sendo suficientes.

3.0 A INTERLÍNGUA COMO OBJETO DE PESQUISA

3.1 PARTICULARIDADES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Para realizar uma pesquisa sobre imigração, é exigida uma abordagem metodológica que leve em conta as particularidades e complexidades desse fenômeno, que envolve não apenas a simples mudança geográfica, mas também mudanças sociais, psíquicas, emocionais, econômicas e linguísticas desses indivíduos. As metodologias de pesquisa para estudar imigração devem ser flexíveis, multidimensionais e sensíveis às experiências dos imigrantes. Um aspecto considerado de suma importância é a escolha de uma abordagem que permita observar as vivências subjetivas dos indivíduos, bem como suas relações sociais, os impactos culturais da imigração e as transformações relacionadas à identidade que ocorrem ao longo do processo de inserção a uma nova cultura.

A pesquisa qualitativa é considerada uma das principais abordagens para pesquisas que envolvam esse conteúdo. Essa abordagem metodológica se utiliza principalmente de entrevistas, conversas e observações para a obtenção de dados. A partir desses instrumentos o pesquisador é capaz de entender a perspectiva e as experiências dos imigrantes de forma mais completa e até mesmo humanizada. As conversas, por exemplo, possibilitam que o imigrante conte sobre sua história de imigração e sua história de vida, trazendo os motivos que o levaram a imigrar e os desafios encontrados dentro uma nova realidade. A partir desses relatos, o pesquisador entra em contato com as nuances e as particularidades desse processo.

Quando pesquisamos indivíduos em situação de imigração, é necessário entender os desafios éticos que esse tipo de pesquisa pode enfrentar. Por vezes, alguns participantes podem se encontrar em situação irregular e sentirem-se vulneráveis durante a coleta de dados, tendo receio em compartilhar informações. Dada a situação, exige que o pesquisador adote uma postura sensível e ética. Para isso, é primordial garantir o anonimato e esclarecer o objetivo e finalidade do estudo. Em alguns casos se faz preciso utilizar outras pessoas de confiança do participante para que façam a mediação.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa sobre imigração demandam ética e principalmente uma abordagem multidisciplinar, já que, para construir uma pesquisa acerca de um tema tão complexo, é essencial analisá-lo por todas as lentes as quais lhe compete.

3.2 A PESQUISA QUALITATIVA

Para esta pesquisa utilizaremos a metodologia de pesquisa qualitativa. Para este fim, se faz necessário compreender este método e suas características. Na concepção de Chizzotti (2006), concebemos a pesquisa qualitativa como o compartilhamento de informações em que o pesquisador coleta e observa de forma crítica e detalhada aspectos relevantes de seu objeto de pesquisa. De forma oposta, a pesquisa quantitativa, onde temos dados analisados de forma objetiva e se limitando a quantidade.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais, que constituem objetos de pesquisa; para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos de seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2006, p. 28-29).

Para uma pesquisa qualitativa é necessário estar em contato com o meio ao qual a pesquisa é desenvolvida. Ao trabalhar a fala de imigrantes falantes de língua francesa não seria possível desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo apenas com falantes de língua francesa vivendo no Brasil ou mesmo imigrantes de outra parte do globo. É preciso se ater às condições necessárias para a realização da pesquisa com exatidão e qualidade.

Outro aspecto relevante, é o foco na vivência do participante, ou seja, o que o participante revela acerca da temática é considerado válido para a pesquisa, pelo simples fato de ter a vivência naquilo a que o estudo se propõe.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de vivências de estudos anteriores em língua de herança, a pesquisadora resolveu trazer uma pergunta central aos estudos na área: Quais as interferências da L1 na L2?

Mantendo contato com comunidades imigrantes da Bélgica, esta pesquisa se propôs a conversar com imigrantes do sexo feminino vivendo há mais de 10 anos em uma região mais isolada da Bélgica cuja língua adotada é o francês.

Para isso, foram selecionados os informantes através de conversas para entender a realidade de imigração, seu contexto de vida no Brasil, relações afetivas na Bélgica e contato com nativos brasileiros de forma virtual e presencial.

Durante as conversas, foi explicado aos participantes que a pesquisa se tratava de uma pesquisa de mestrado em sociologia da linguagem, voltada para a descrição e análise do português brasileiro falado por comunidades imigrantes.

A coleta de dados foi feita informalmente durante conversas com os informantes procurando deixá-los o mais à vontade possível como falante do português brasileiro imigrante na Bélgica.

No decorrer dessas interações, quatro encontros para cada participante sobre assuntos do cotidiano foram possíveis coletar 15 palavras recorrentes entre eles que listamos a seguir com identificação numérica conforme quadro e especificações:

Francês	Português brasileiro	Interlíngua
1.papier	documentos	<i>“A faculdade ainda deixava você estudar sem papel.”</i>
2. carte	cartão	<i>“Eu sempre ando com minha carta de crédito”</i>
3.menage	limpeza	<i>“Já há 6 anos eu faço menage, né”</i>
4.madame	senhora	<i>“Eu trabalho com uma madame”</i>
5. remplacement	substituição	<i>“Eu fiz um remplacement de 11 meses num supermercado”</i>
6. charge	responsabilidade	<i>“Mas eu sou na charge do meu marido”</i>
7. communa	orgãos burocráticos	<i>“E igreja fizemos 10 anos agora em abril e na communa... nós fizemos... vamos fazer 14 “</i>
8. villa	cidade	<i>“Na região da vila tem ônibus”</i>
9. serveuse	garçonete	<i>“Trabalhando como servente nos restaurantes”</i>
10. accent	sotaque	<i>“Eu acho que não perdi meu acento”</i>

11.visa	visto	<i>“Normalmente era para fazer os três meses do visa”</i>
12. rendez-vous	consulta, encontro, passeio	<i>“Fui para um rendez-vous com o médico”</i>
13. maternalle	materna	<i>“O francês eu falo. Mas, não é minha língua maternal”</i>
14.consacrer	dedicar	<i>“Eu estou tentando me consagrar em Alemão”</i>
15. ancien	antiga	<i>“Nem muito moderna, nem muito anciã”</i>

Essa identificação estamos considerando que são de palavras do léxico da interlíngua e não do vocabulário dos informantes porque estamos não na dimensão da microssociolinguística, considerando a teoria da variação e mudança de William Labov, mas na noção de macrossociolinguística segundo Joshua Fishman, ou sociologia da linguagem. Justificamos a escolha de léxico e não de vocabulário em função de este se localizar por questões conceituais a questão macro e não micro, do vocabulário. Nesta pesquisa, em função dessa orientação epistemológica não há interesse na “estratificação social dos falantes e os padrões de uso linguístico variáveis”, mas ao estudo do que “ as sociedades fazem com suas línguas, envolvendo as atitudes que levam a distribuição funcional das formas de falar, a manutenção, mudança ou substituição da linguagem”.

Não é também de interesse dessa pesquisa penetrar na crítica de Fishman sobre a preponderância da linguística com a sociologia apenas como suporte para discutir a estratificação social. Pretendemos organizar o lugar epistemológico desta investigação que, por meio da interlíngua, oferece elementos para pensar sobre as consequências existenciais da decisão de imigrar.

Fishman (1968) opta pelo termo sociologia da linguagem a área que se localizam os pesquisadores sobre comportamento social e uso linguístico, estando a sociedade posta em um patamar mais alto do que a linguagem. Talvez por isso seus trabalhos de 1972 questionem o termo sociolinguística porque para ele prioriza a linguística e não o social.

Estamos chamando a sociologia da linguagem de eixo epistemológico não pela metodologia, mas porque na interlíngua também existe uma discussão sobre manutenção linguística. Ao pesquisar sobre interlíngua podemos constatar mesmo por amostragem que há uma troca cotidiana que os falantes estrangeiros fazem com seus interlocutores. Estamos pensando na língua brasileira como língua 1 e a interferência da língua de contato, a língua 2. Este é o acesso também para uma futura possibilidade de avaliar o quanto a língua do país de escolha migratória sofre influência da língua dos imigrantes. Pensamos que existem consequências para as duas línguas de contato e isso os estudos sobre formação do léxico tem revelado.

Outra particularidade desta pesquisa é a atualidade do processo em que se dá a interlíngua. São vivências de hoje é reflexo da fala dos que são imigrantes no momento presente, neste caso na Bélgica. Não foram raras as vezes que encontramos exemplos de palavras da interlíngua no português brasileiro falado na Itália, na Alemanha, na Espanha, na Inglaterra e mesmo em países da América do Norte. A língua de contato sempre deixa suas marcas na fala do imigrante.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

3.4.1 PAPÉIS

No contexto desta análise, a palavra papéis surge através dos imigrantes para representar tudo aquilo que deriva da documentação. No âmbito da língua francesa, a palavra se expressa através do termo *papiers*, que vai significar todos os tipos de documentos, desde os mais burocráticos, tal qual contratos, certidões e escrituras, aos documentos mais simples, como o próprio documento de identificação, cadastro de pessoa física, dentre outros. A partir da vivência dos imigrantes, notamos que, durante os diálogos, a palavra surge de forma diferente da qual é empregada no português falado no Brasil, sendo traduzida de forma literal a palavra *papiers* em língua francesa para o português *papéis*.

Tal estrutura lexical, por mais que utilizada no português brasileiro para representar documentos que envolvem grande burocracia, não é usualmente observada dentro da fala de indivíduos que falam a língua portuguesa, mas não vivenciam a experiência de ser imigrante. Podemos levantar como razão principal desta tradução literal, utilizada como ferramenta pelos imigrantes para sua comunicação na própria língua materna, a importância que os mesmos dão para o simples ato de ter um documento, este sendo diferente daquele documento que tinham

na vivência do país de origem. É através da emissão dos documentos oficiais que os indivíduos imigrantes se sentem mais acolhidos nesta nova cultura. Entendemos que nossa primeira forma de imersão no nosso meio cultural de origem, é através do nome, é a partir dos documentos de identificação que somos considerados pertencentes a determinada pátria. Desse modo, para o imigrante faz mais sentido se expressar através do léxico da L2 para apresentar a ideia de documentos, já que, os documentos brasileiros que uma vez lhe eram parte de sua identificação já não fazem parte de seu convívio social.

3.4.2 CARTA

A palavra *carta* de acordo o minidicionário Silveira Bueno (2007) refere-se a:

“**Carta**, s.f Epístola; Missiva; Mensagem escrita; Mapa; Diploma; Magna- : Constituição promulgada na Inglaterra, em 1215: (P. ext.) A constituição de um país. car.ta” (SILVEIRA BUENO, 2007, p. 151).

No que tange a fala dos imigrantes participantes desta pesquisa, obtivemos a informação de que tais indivíduos ao falar sobre o instrumento financeiro ao qual é possível fazer compras, utilizam a palavra *carta*. A título de exemplo, temos a expressão *carta de crédito* que muito é utilizada nesse contexto para se referir ao que, no português falado no Brasil, chamamos de *cartão de crédito*. É observado que, para os falantes de língua portuguesa no Brasil, tal estruturação, apesar de ser de fácil compreensão através do contexto, se torna confusa quanto a utilização de uma palavra que dentro do dicionário de língua portuguesa não se associa à temática tratada pelos imigrantes.

O uso contínuo do termo em língua francesa *carte* pelos imigrantes em seu cotidiano, decorrente sobretudo do maior poder de compra que os mesmos relataram ter nesta nova localidade. Assim, temos o reflexo das marcas que a língua 2 gera na língua 1. O cartão de crédito deixa de ser falado no cotidiano, mesmo durante sua interação com indivíduos cuja língua materna é o português. Observamos que o uso dessa expressão muitas vezes se manifesta de forma muito natural, na qual nem mesmo percebem que estão assim se expressando.

3.4.3 MENAGE

Ao conversar com os imigrantes, notamos que uma das áreas de trabalho que estes indivíduos mais tem oportunidades é na área da limpeza. É recorrente nos relatos de imigrantes que trabalham neste ramo dada a falta de oportunidades de qualificação para outros trabalhos, o que ocasiona a permanência neste âmbito de trabalho. É nesse contexto, que percebemos a

utilização da palavra francesa *ménage* para designar os trabalhos relacionados a limpeza, faxina e tarefas domésticas.

Um aspecto deveras importante de ser pontuado durante esta análise parte do fato ao qual a palavra *menage* quando utilizada dentro do contexto do português falado no Brasil fora do contexto da imigração, é vista como um tabu, já que se apresenta como uma palavra de cunho sexual. O que pode gerar situações de equívocos e impressões errôneas sobre esses indivíduos. Todavia, durante a fala dos imigrantes não é observado nenhum tipo de constrangimento, para eles, o uso da palavra *ménage* não mais tem o sentido sexual de antes.

3.4.4 MADAME

Na língua francesa, a palavra *madame* é muito utilizada para se referir a uma mulher em um contexto formal e respeitoso. No português brasileiro, no entanto, temos o equivalente mais utilizado, a palavra *senhora*. Tanto a palavra *madame* quanto a palavra *senhora* possuem conotações deveras semelhantes, mesmo que, de forma geral, a palavra *madame* tenha menos uso dentro da vivência em língua portuguesa.

Quando o termo é utilizado pelos imigrantes, este se faz compreensível ao interlocutor através do contexto. Todavia, tal escolha linguística se revela inusitada a quem escuta, já que a palavra *madame* no léxico do português brasileiro faz referência a um modelo estereotipado e caricato da figura feminina, utilizada frequentemente para expressar ironia.

Com a vivência no contexto da imigração e sobretudo na imersão à cultura belga, os imigrantes acabam invertendo o sentido do termo de algo essencialmente utilizado para ironizar e satirizar uma determinada classe social, para um termo que exprime respeito e admiração.

3.4.5 REPLACEMENT

Ao ouvir a palavra *remplacement* em uma frase totalmente estruturada em português, entendemos o quanto a vivência na L2 se faz presente na linguagem dos imigrantes. Em um primeiro momento, quem ouve tal colocação, não compreende o sentido desta palavra naquela frase. Um dos principais motivos é que essa estrutura lexical pouco se parece com qualquer outra em língua portuguesa. No entanto, ao buscar o sentido no dicionário vemos que a palavra *remplace* a qual vem o verbo *remplacement* significa uma substituição. Nesse contexto, para o imigrante, já não faz mais sentido utilizar a palavra *substituição* para descrever uma situação

de trabalho, uma vez que, para eles, já não faz mais sentido se referir a determinada ação dentro de sua cultura de origem.

3.4.6 CHARGE

Os imigrantes brasileiros vivendo na Bélgica, apresentam de forma particular a palavra *charge* dentro de contextos que envolvem a L1. Ao entrar em contato com as conversas, percebemos que a palavra ocupa o sentido do equivalente a *responsabilidade* no português brasileiro. Quando nos voltamos ao significado de *charge* na língua francesa notamos que seu significado de acordo com o dicionário escolar francês - português de Roberto Alvim Corrêa (2003, p. 114) é: “**charge**. s.f. Carga. Encargo, obrigação. Emprego. Imposto. Ataque. Caricatura”, relacionado ao trabalho e obrigações.

Na língua portuguesa, quando falamos em responsabilidade levamos em consideração o caráter emocional que envolve esta palavra. Para além de indicar uma obrigação laboral, entendemos a responsabilidade também pelo viés do zelo. Na própria língua francesa observamos através da literatura o caráter emocional por trás da ideia de responsabilidade. Em *O Pequeno Príncipe*, Antoine Saint- Exupery escreveu “Tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé” (1943, p.97). O autor utiliza a palavra *responsable* para dar a ideia do sentimento de apego que temos.

Com isso, através da fala dos imigrantes, mesmo em situações de cunho emocional utilizam a palavra *charge* para indicar este tipo de relação, apesar de, na língua francesa, existir um equivalente bem mais próximo ao português. Através das experiências e da história de imigração de cada indivíduo percebemos que o sofrimento de imigrar se reflete também na fala. Muitos imigrantes se percebem em posições de vulnerabilidade dada esta nova realidade cultural, onde precisam ser amparados frequentemente por seus parceiros, amigos e conhecidos que sempre viveram e fazem parte desta realidade social por toda a vida.

3.4.7 COMMUNA

A palavra *communa* apresenta-se de forma versátil na fala dos imigrantes, podendo ter mais de um significado a partir das experiências subjetivas de cada um. Para alguns indivíduos significa a palavra *cartório*, podendo também significar *prefeitura* ou mesmo qualquer outro órgão governamental que envolva o meio burocrático. A amplitude dos usos dessa palavra reflete as vivências subjetivas de cada um em contextos administrativos diversos.

Além disso, associar a palavra *communa* ao aparato burocrático pode ser explicada através da frequência com a qual os imigrantes acabam por ter contato com tais órgãos para resolver as questões burocráticas do próprio processo de imigração, como o registro de documentos, regularização do visto, dentre outros processos legais. Assim, essa unidade lexical, se adapta para se referir às instâncias administrativas, mesmo que, quando busquemos seu significado, o mesmo não corresponda exatamente à forma como é utilizado.

3.4.8 VILLA

Outro ponto que gera interesse é a utilização da palavra *villa*, do francês *ville*, para indicar cidades grandes. O que, para um ponto de vista voltado para o português falado no Brasil, temos uma ideia absolutamente contrária ao que chamamos de *vila*. Uma vez que, a vila significa cidades interioranas ou cidades pequenas. Devido à proximidade sonora das palavras, o imigrante acaba por adotar de vez o significado em língua francesa para a unidade lexical, esquecendo-se do que representa de fato para a língua portuguesa.

3.4.9 SERVENTE

Em francês, a palavra *serveuse*, traduzida como *garçonete*, é muito utilizada quando nos referimos a quem trabalha em restaurantes, bares e cafés servindo os clientes. Já no português do Brasil, *servente* é uma palavra associada a trabalhadores que auxiliam nas áreas de limpeza ou trabalhos manuais. Entretanto, no contexto da imigração, os brasileiros podem reinterpretar o termo para incluir o significado daquele que serve, alinhando-o ao conceito de *serveuse* em francês.

3.4.10 ACENTO

No contexto da imigração, por muitas vezes, os indivíduos imigrantes utilizam a palavra *acento* no lugar da palavra *sotaque*. Isso se deve a interferência da língua francesa no âmbito da língua portuguesa, e sobretudo a semelhança da palavra francesa *accent* com a palavra em português *acento*. Para explicar dita interferência entendemos que na língua francesa a palavra *accent* é utilizada de forma mais ampla designando não apenas o sotaque, mas também a entonação.

Podemos analisar então, a partir deste ponto, que talvez para o imigrante utilizar *acento* possa se mostrar como uma ideia mais ampla da complexidade de sua fala do que poderia ser dito em língua portuguesa.

3.4.11 VISA

Entendemos que muitas palavras relacionadas ao status do próprio processo de imigração dos brasileiros sofrem a influência da língua francesa. Um exemplo disso, é a utilização da palavra *visa* para designar *visto*. Podemos compreender a partir da proximidade entre as duas palavras, a relação entre elas, bem como, a descrição de uma ferramenta burocrática que se relaciona ao processo de imigração por um dia ter sido usada como instrumento de adaptação cultural e aceitação dessa nova cultura como sua.

3.4.12 RENDEZ- VOUS

Na língua francesa a palavra *rendez-vous* é muito utilizada para significar tanto um encontro informal quanto um compromisso formal, como uma consulta médica ou uma reunião. Com toda a amplitude que o termo oferece na língua francesa, os imigrantes se utilizam disso para se comunicar em língua portuguesa quando falam sobre situações de seu cotidiano dentro da experiência da imigração.

3.4.13 MATERNAL

Os imigrantes ao se referir a língua de origem utilizam a expressão língua *maternal* para falar do português brasileiro. Na língua francesa a palavra utilizada para isso é *langue maternelle*. Podemos conceber a utilização da interlíngua neste contexto, como a mais pura demonstração do quanto a experiência em ser imigrantes deixa marcas. Podemos dizer que nem mesmo a simples palavra *materna* deixa de ser marcada pela língua estrangeira.

Outra hipótese que podemos levantar é o fato de que na própria língua portuguesa, a palavra *maternal* está relacionada ao cuidado e ao amor de mãe. Talvez para o imigrante, falar sobre sua língua l remeta a ideia daquele amor e apego a sua língua de origem ao qual teve que abandonar.

3.4.14 CONSAGRAR

A palavra *consagrar* ao ser utilizada pelos imigrantes em sua fala, significa o que no português brasileiro corresponde a *dedicar-se*. É mais um exemplo da influência da língua francesa na língua portuguesa. O verbo *consacrer* em francês acaba por remeter a palavra *consagrar* em língua portuguesa, o que possibilita aos imigrantes fazer esta associação e, assim, utilizar esta palavra na comunicação em língua materna.

3.4.15 ANCIÃ

O uso da palavra *anciã* mesmo que a mesma seja utilizada na língua portuguesa se faz inusitado na medida em que, apesar desta palavra existir no léxico da língua portuguesa, esta não é utilizada de forma tão usual dentre os falantes que habitam o país. Assim, esta escolha linguística dos imigrantes demonstra o quanto a língua francesa pode reinventar a língua portuguesa.

3.5 RESULTADOS

Ao observar os dados obtidos durante esta pesquisa e análise feita a partir deles podemos entender em que medida as marcas linguísticas da imigração se manifestam na língua 1. O português falado pelos imigrantes será norteador por uma interlíngua que mistura o léxico da língua portuguesa ao léxico da língua francesa. Este fenômeno, como descreve Selinker (1992) citado por Al- Sobhi (2019), não é estável como o processo de aquisição da língua materna, que se faz praticamente inato. Muitas são as oscilações já que a interlíngua é dinâmica, o que se atrela perfeitamente ao próprio fenômeno da imigração, que também pode ser entendido de forma dinâmica e multifacetada.

Segundamente, a interlíngua é considerada dinâmica já que o sistema de regras do aprendiz não é estável. Ela muda constantemente. Por isso, o aprendizado de uma língua é visto como um desenvolvimento não contínuo que se move de um patamar estável para um patamar estável (Selinker, 1992, p. 226). (AL-SOBHI, 2019, p. 58).

Tais marcas são observadas de forma frequente em outros contextos de imigração envolvendo outras línguas, demonstrando que esta movimentação linguística por parte dos imigrantes se faz necessária nos mais diversos contextos e histórias de imigração diferentes. Almeida e Heath em suas conversas no livro *Imigração e Herança: Ensaio de Pesquisa* (2021) relatam a ocorrência de evidências como as encontradas nesta pesquisa em outras comunidades imigrantes.

Era a amiga brasileira que morava na Itália. ela disse que iria ao *ginecólogo*. lembrei da outra amiga que vivia na Alemanha e que falou que tinha um *termine* com um conhecido. Era português a língua que falavam? Elas acreditavam que sim (ALMEIDA E HEALTH, 2021, p.72).

No que tange ao léxico da interlíngua coletada, percebemos que a maior parte das ocorrências apareceram durante falas sobre aspectos específicos do cotidiano imigrante, como situações burocráticas e de trabalho. Também notamos essas evidências durante as falas sobre

suas situações em relação à língua portuguesa ou mesmo durante conversas mais profundas que envolviam a expressão sentimental. Se tornou perceptível a esta pesquisadora a ideia de que a língua 2 não somente se manifesta na língua 1, mas também o próprio imigrante em sua tentativa de se adaptar a essa nova cultura, se esquece do sentido que as palavras podem ter em língua portuguesa. Já não se lembram mais daquele primeiro sentido que conheciam na língua 1.

Relembrando o sentido em Frege (1968), os imigrantes ressignificam a língua portuguesa, dando novos significados para palavras utilizadas no dia a dia a partir dessa experiência tão singular e particular que é a mudança territorial de quem carrega a pátria na língua.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As marcas linguísticas observadas na L1 de imigrantes brasileiros vivendo na Bélgica há mais de 10 anos, acabam por revelar um campo de investigação rico em informação, no qual há a interação dos fatores sociais, culturais, linguísticos e identitários. Ao longo desta pesquisa, buscamos compreender como o conceito de interlíngua de Larry Selinker (1972, 1992, 2008), o bilinguismo de Grosjean (1994, 2010), a competência comunicativa de Hymes (1972), a memórias em Le Goff (1990) e o sentido em Frege (1968) se articulam entre si para gerar um entendimento dos fenômenos sociais e linguísticos que surgem a partir deste contexto.

A partir da teoria da interlíngua, observamos que a L1 de imigrantes que têm uma vivência de mais de anos em regiões afastadas das grandes cidades na Bélgica, passa por um processo de reconfiguração com a influência não apenas da própria língua francesa, como também de suas necessidades identitárias e adaptativas. Nesse processo, percebemos que a interlíngua não apenas se manifesta na inserção de unidades lexicais da L2 na L1, mas também, por um esquecimento do sentido original de algumas palavras na língua materna. Tal fenômeno, revela que com o contato direto e a imersão na L2 pode ocorrer uma redefinição semântica na L1, na qual, o imigrante substitui termos e significados não apenas pela necessidade de comunicação, mas pela dificuldade em reviver memórias relacionadas à língua materna.

O bilinguismo acaba por ser entendido por meio de Grosjean (1994, 2010) através da explicação sobre como os imigrantes constroem um leque linguístico no qual os dois idiomas coexistem e acabam se complementando através de seu contexto social e emocional. É nesse cenário, que o esquecimento ou mesmo a substituição de sentidos na L1 demonstra o profundo impacto que a imersão em dois sistemas linguísticos pode exercer nos indivíduos.

O conceito de competência comunicativa em Delll Hymes (1972), nos permite abordar a adaptação linguística como um fenômeno social, onde as escolhas lexicais e sintáticas acabam por refletir não apenas o domínio da língua, como também a capacidade de se adequar em diferentes situações comunicativas. A utilização de termos como “*communa*” e “*consagrar*” servem de exemplo sobre como a linguagem pode se moldar para atender as demandas sociais e culturais de integração e interação nesta nova realidade cultural e linguística. Todavia, durante esse processo, muitos sentidos acabam por ser reconfigurados ou mesmo esquecidos.

Além disso, a memória, bem como discutida por Le Goff (1990), acaba por desempenhar um papel crucial na preservação de elementos da L1 e na reconstrução de novas

formas linguísticas. É através da Língua de herança e suas iniciativas ao redor do mundo, como a Mala de Herança na Europa, dentre outros projetos que possibilitam o resgate da cultura e tradição brasileira entre as comunidades imigrantes. O sentido da fala dos imigrantes se reinventa para atender suas novas necessidades. Desse modo, podemos dizer que a interlíngua passa a ocupar um espaço de transformação tanto da memória quanto do sentido.

Portanto, as marcas linguísticas vão muito além da esfera linguística, se alinhando de maneira profunda com as questões sociais. Esse estudo reforça a importância de uma abordagem interdisciplinar e que considere os aspectos sociais como a parte mais importante para a compreensão do fenômeno aqui descrito. Assim, a sociologia da linguagem está para esta pesquisadora como elemento norteador desta investigação onde a linguagem funciona como um reflexo da experiência de ser imigrante.

Por fim, este trabalho não pretende findar as discussões sobre o tema, mas sim contribuir para ampliar os olhares sobre os processos de transformação linguística na imigração, com implicações dentro dos estudos sobre o bilinguismo, interlíngua e sociologia da linguagem. Esperamos que a partir desta pesquisa novas investigações apareçam para fomentar ainda mais as discussões sociais, linguísticas e até mesmo existenciais sobre as comunidades imigrantes ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **A língua e a árvore: Uma herança com chão e tempo**. 1. ed. São Luís: Edufma, 2017.

ALMEIDA, S; HEATH, A. M. **Imigração e Herança: ensaio de pesquisa**. São Luís: Edições AML, 2021.

_____. **Palavras Herdadas: sobre português como língua de herança**. 1. ed. São Luís: Edufma, 2017.

AL-SOBHI. **The Nitty-gritty of learners errors – Contrastive Analyses, Error Analysis and Inerlanguage**. Australian International Academic Centre. July, 2019

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Imigrações e fundações**. 1. ed. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2000.

BARBOSA, J. (2010). **Imigração: o fenômeno, o imigrante, o estrangeiro e o refugiado**. Reassentamentos Urbanos de Imigrados Palestinos no Brasil: um estudo de caso do “campo” de Brasília, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. **Lexicon and basic vocabulary**. Alia (São Paulo), v.40, p.27-46, 1996.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2.ed. revisada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

CASTLES STEPHEN, DE HAAS HEIN AND MILLER MARK J. (2013) *The age of migration. International Population Movements in the Modern World*, Basingstoke, Palgrave MacMillan.

CHIZZOTTI A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo. cortez, 1991.

CHULATA, K. D. A. **Português como Língua de Herança: Discursos e percursos**. 1. ed. Lecce; Brescia: Pensa Multimedia, 2015.

CORRÊA, R.A. **Dicionário Escolar Francês-Português/Português Francês**. Rio de Janeiro, RJ: C.N.M.E., 2003.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano? E outras interinvenções**. Lis-boa: Caminho, 2009.

ECKERT, K.; FROSI, V. M. Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave. **Domínios de Linguagem**. Uberlândia, SP, v. 9, n. 1, p. 198-216, mar./2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/28385>. Acesso em: 12 Abr 2022.

EXUPÉRY. **Le Petit Prince**. Edition du Groupe. 1943

FISHMAN, J. A. (1999). **Handbook of Language and Ethnic Identity**. Oxford University Press.

_____ (1991). **Reversing Language Shift: Theory and Practice of Assistance to Threatened Languages**. Clevedon: Multilingual Matters.

FLORY, E. V.; SOUZA, M. T. C. C. de. **Bilinguismo**: diferentes definições, diversas implicações. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 19, 2009, p. 23-40. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 13 junho de 2022

GARCIA-ROZA, L. A.. **Freud e o inconsciente**. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

GASS, S. M., & SELINKER, L. (2008). **Second Language Acquisition: An Introductory Course**. Routledge.

_____ **Language Transfer in Language Learning**. Revised Edition. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

GEBRIM, A. **Língua materna, língua estrangeira**: reflexões sobre a língua do analista. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -1, 2016, p. 9. Disponível em: <https://revistalacuna.com/tag/ana-gebrim/>. Acesso em: 11 Abr 2022.

GONÇALVES DIAS. **Poesia**. Coleção "Nossos Clássicos". São Paulo, Agir, 1969

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Discurso e memória**: movimentos na bruma da história. In: *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências*. UNESP. Marília: UNESP, 1997. (pp. 45-58).

GROSJEAN, F. Individual Biligualism. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994.

_____ **Bilingual: Life and reality**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010.

GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976.

HAMAD, N.; MELMAN, C. **Psicologia da imigração**. 1. ed. São Paulo: Instituto Language, 2019.

HARARI, R. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HYMES, D.H. (1972) On communicative competence. *In: Pride, J.B& Holmes, J. (Eds.), Sociolinguistics*. Harmondsworth, England: Penguin.

ILARI, R., & BASSO, R. (2006). **Introdução à Semântica: Fundamentos teóricos**. São Paulo: Martins Fontes.

JURŠIČ. **Onde está a nossa pátria; para onde retornamos?**. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 272-280, julho-setembro 2018

- LACAN, J. **O Seminário**. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (trad. de M. D. Magno). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J. **Problemática III**: a sublimação. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: EDUNICAMP, 1990
- LEHMANN, B. A. **Bilinguismo e identidade**: uma dupla construção. Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato. Nº 53, 2016, p. 273-283. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/eifi/arquivos eletronicos/16.pdf>. Acesso em: 02 Abr 2022.
- LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 16 ed. Editora Cultrix, 1999.
- MELMAN, C. **Imigrantes**: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país. 1. ed. São Paulo: Escuta, 1992.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003
- PERINI, Mário A. **Princípios de Linguística Descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola editorial, 2006
- QUADROS, R. M. de. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.
- SELINKER, L. (1972). **Interlanguage**. In: **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**
- SEVERO E GORSKI. **Sociologia da linguagem e sua relação com a macro e microlinguística**. Forum Linguístic. Florianópolis, V. 20, n. 4. P. 9755 - 9767. out/dez. 2023
- SILVEIRA BUENO. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo. FTD, 2007
- SILVIA MONTRUL, **The acquisition of heritage languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O estudo de vocabulário**. (1a ed.). São Paulo: Cortez Editora, 2021.
- TUSSI, M. G.; XIMENEZ, A. **Bilinguismo**: características e relação com aspectos Cognitivos. Anais da X Semana de Letras. Porto Alegre: EdiPUC RS, 2010.
- VILLALVA, A. & SILVESTRE, J. (2014). **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português**. Petrópolis: Editora Vozes.